

Idemburgo Frazão

A poética
identitária
de
Moduan Matus

A Gização e a
Arte Baixadense

Idemburgo Frazão

A poética identitária de
Moduan Matus

a Gização e a Arte Baixadense

Copyright © 2021 Idemburgo Frazão
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Simone Paulino
Revisão: Dalka Castanheira
Diagramação: André Gattaz
Capa: Helena Phillip

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Coordenação editorial

André Gattaz

www.editorapontocom.com.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

F848

A poética identitária de Moduan Matus: a gização e a arte baixadense

A poética identitária de Moduan Matus: a gização e a arte baixadense / Idemburgo Frazão — São Paulo: Pontocom, 2021.

82p.:

ISBN: 978-65-89496-00-7

1. Literatura. 2. Literatura marginal. 3. Baixada Fluminense. 4. Poesia I. Título.

CDU 821.134.3(81)

Sumário

Apresentação identitária	7
Introdução	13
1. O lugar nas margens: uma introdução ao estudo da obra de Moduan Matus	15
2. Nas trilhas de Moduan Matus: a Baixada Fluminense como um lugar poético	37
3. Dos estigmas à autoestima: Moduan Matus e sua gização	49
4. Moduan Matus e o sarau como estratégia de resistência poética	63
Considerações para continuar	77
Bibliografia	79

Apresentação identitária

Ao longo de várias décadas, como estudioso da literatura, mas também como artista da palavra, tenho me dedicado à reflexão sobre aspectos até então (final do século XX) pouco trabalhados nos meios acadêmicos, mais especificamente, na literatura: o olhar sobre as periferias, sobre territórios culturais não iluminados pelos holofotes das grandes mídias.

Entende-se periferia, aqui, como o espaço habitado por aqueles que são (consciente ou inconscientemente) dependentes, de alguma maneira, da articulação com os centros sejam eles sociais, econômicos, culturais, ou quaisquer outros.

Os subúrbios, as “baixadas” (“as quebradas”), as favelas, a cultura popular, a gente negra, indígena, a mulher, a natureza em seus aspectos ecológicos – a exclusão social em suas manifestações diversas, de versos, de prosa, em sua dramaturgia diária e artística –, passaram a povoar meus escritos, assim como já habitavam minha trajetória pessoal.

Nas escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro, por mais de trinta anos, fui professor de língua portuguesa, literatura e das oficinas de Arte Literária do Núcleo de Artes Nise da Silveira, da 3ª CRE/SME RJ. Sempre criando e participando de eventos, como festivais de música, atividades poéticas e teatro (inclusive de mamulengos). A temática da periferia juntava-se à prática de ensinar e aprender, mais ainda, *in loco*, sobre o cotidiano periférico. Trabalhando com alunos do Complexo do Alemão, de Manguinhos, do Jacarezinho, dentre outros, incluindo os queridos especiais, como que juntei as pontas da infância e da adolescência me reaproximando de meus lugares mais íntimos e preciosos (Ricardo de Albuquerque, Olaria,

Andaraí, Praça da Bandeira, Sampaio-Engenho Novo, Paquetá). E a brincadeira identitária aumentou, quando estudei a relação geográfico-afetiva de Paquetá com a Baixada-Fluminense, e afirmei que Paquetá já foi Baixada.

Não apenas os pobres, termo que o pensador brasileiro Joel Rufino dos Santos utilizava em sua ainda pouco conhecida obra *Épuras do Social*, mas também as pessoas em situação de rua e os loucos, os malandros, aproximaram-me de autores que também se preocuparam com as periferias.

Muitos de meus textos, poéticos ou acadêmicos, tratam de autores como Lima Barreto, Solano Trindade, João Antônio, Carolina, Clementina de Jesus, Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo, dentre poucos outros. A essa lista acrescentei, nessa última década, Moduan Matus.

Na universidade, mais precisamente na Unigranrio, em Duque de Caxias, já como professor dos cursos de Letras e Pedagogia – incluindo também a Literatura infantil –, temas relativos à cultura popular impulsionaram-me à leitura de obras e participação de eventos relativos à região da Baixada Fluminense.

Quando, em 2008, com alguns colegas, criamos o Mestrado em Letras e Humanidades, que, cerca de uma década depois, passou a denominar-se Mestrado (e Doutorado) em Humanidades Culturas e Artes, surgiu a oportunidade de organizar um curso sobre a cultura baixadense. A importância da iniciativa foi reforçada, na sabatina que tivemos, no período do credenciamento do nosso PPG, pela CAPES.

A disciplina *Aspectos identitários do Grande Rio*, que ainda consta no curriculum do Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes (2020), ensejou um maior contato com estudiosos e moradores da região da Baixada Fluminense.

A disciplina trazia, como principais autores de obras de apoio, Gênesis Torres, Nielson Rosa Bezerra, Rogério Torres, Tânia Amaro, (e seus companheiros da Revista Pilares da História),

Stuart Hall, Néstor Canclini, Zygmunt Bauman, Gayatri Spivak, Yi-fu Tuan, entre outros. As temáticas centrais do curso (interdisciplinar) privilegiavam estudos sobre a literatura, em suas imbricações com as identidades, marginalidades, os gêneros, a cultura. Muitos dos estudiosos da Baixada nos deram a honra de estudar em nosso PPG, como a professora Tânia Maria da Silva Amaro de Almeida que também tornou-se nossa parceira em diversas atividades no Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, além dos professores Cydnei Inácio de Oliveira e José Severino da Silva, o Cuca. Eles participaram ativamente de nossas aulas, ministrando palestras, inclusive depois da conclusão de seus cursos de mestrado e/ou doutorado.

Esse contato com os estudiosos baixadenses ampliou-se quando criei o grupo de pesquisa Margens da Literatura/CNPq e o aproximei de minhas antigas ideias das reflexões sobre os aspectos identitários da Baixada Fluminense.

Foi em contato com um antigo aluno, hoje professor e cantor Eduardo Dias (Dudu Dias), meu orientando de TCC, bem antes da criação do PPGHCA, que tomei maior conhecimento da quantidade de eventos, autores e obras de qualidade da região da Baixada Fluminense. O trabalho de conclusão do curso de Letras, do Eduardo, versava exatamente sobre a riqueza poética desse lugar. Daí surgiu um artigo, uma parceria que perdura ainda hoje, e minha incursão definitiva nas instâncias culturais da Baixada.

Como Bolsista da Funadesp/Unigranrio, a partir de 2013 (até 2018), pude ampliar meus estudos sobre a música e a poesia baixadense, e estudar, mais diretamente, autores sobre os quais já havia iniciado reflexões e publicado artigos. Dentre eles estavam o músico Eduardo Costa e o poeta Moduan Matus, sendo o último tema central do livro que agora apresento.

Ficam aqui meus agradecimentos à FUNADESP/UNIGRANRIO por ter fomentado, por alguns anos, nossas pesquisas sobre a literatura e a arte na Baixada Fluminense.

A poesia de Moduan Matus é múltipla, passa pelo Haikai, de origem japonesa, pela parlenda, pelo concretismo, pela poesia aos moldes da geração mimeógrafo – de onde se originaram suas primeiras intervenções poéticas, quando criava, com seus amigos poetas da Baixada, a gização – dentre outras. Nessa época o escritor convivia com poetas como Ricardo de Carvalho, o Chacal, seu amigo até a atualidade.

Hoje, Moduan, com sua respeitada obra, envereda pelo experimentalismo poético, que, aliás, sempre foi a base de sua inclinação artística. Mas é na poesia de cunho identitário que encontra seu mais genuíno lugar poético, de acordo com a visão explicitada neste livro.

As outras vertentes poéticas de Moduan também são bastante significativas, em qualidade estrutural e criativa. Merecem ser estudadas e aprofundadas. A maior importância de nossa modesta contribuição, desse singelo livro, está exatamente na abertura de novos caminhos analíticos, a partir do lugar do poeta, em termos geográficos, afetivos e literários. Por isso, no final desta obra, não estará escrito Considerações Finais, mas, “Considerações para Continuar”.

Em suas caminhadas poiéticas, Moduan tornou-se um agitador cultural (re)conhecido, recebendo títulos como o de Cidadão Iguaçuano, da Prefeitura de Nova Iguaçu e, dentre muitas outras, a modesta homenagem do nosso Grupo Margens da Literatura e da Associação dos Amigos do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias. Esse evento contou com a participação de várias outras figuras culturais importantes da Baixada Fluminense, dentre eles o compositor Eduardo Costa.

A homenagem citada ocorreu dentro do terceiro encontro Tardes Marginais, no próprio Instituto Histórico. Ali, foram agraciados aqueles que colaboraram com as aulas ministradas no curso *Aspectos identitários do Grande Rio*, no curso de Pós Graduação em Humanidades Culturais e Artes e em vários

eventos dos cursos de Pedagogia e Letras da Unigranrio, principalmente nos Cafés Literários e Semanas de Letras.

A apresentação estratégica aqui realizada tentou mostrar ao leitor a forte relação que o poeta Moduan Matus tem com a sua Baixada Fluminense, como se encaixou bem no projeto do Grupo de Pesquisa Margens da Literatura/ CNPq e, no que lhe concerne, nos meus próprios projetos artístico-acadêmicos. Acrescento, aqui, meus agradecimentos à querida ex-orientanda de doutorado, portanto Dra. Simone Paulino, pelo tratamento dado aos originais advindos de ensaios e artigos que publiquei sobre Moduan Matus, dando uma carinha bonita de livro a esses escritos, suscitando revisões, correções de trechos e acréscimos necessários.

A base deste *A poética identitária de Moduan Matus: a Gizção e a Arte Baixadense* está nos artigos por mim publicados em revistas especializadas e livros, e em minha participação em eventos regionais, nacionais e internacionais, como o da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), do 56º Congresso de Americanistas, em Salamanca; na publicação em vários periódicos, como o Pragmatizes, Revista latino-americana de Estudos em Cultura, da Universidade Federal Fluminense.

Introdução

Uma iniciação à poética identitária de Moduan Matus

O presente livro intenta refletir sobre aspectos inerentes ao trabalho poético do iguaçuano Edgard Vieira Matos (conhecido popularmente como Moduan Matus), que iniciou sua carreira poética nos anos 1970.

Entre os principais eixos da criação poética do artista, está a relevância dada à problemática das identidades, relacionando-a com a questão das marginalidades na literatura brasileira.

Nos estudos aqui inseridos, colecionados em artigos publicados ao longo de praticamente uma década, será possível compreender aspectos importantes da poética de Moduan, no que tange ao uso da linguagem e às suas temáticas mais recorrentes, ampliando seu (re-)conhecimento, enquanto poeta, por parte do público leitor.

O livro concentra sua atenção no poeta Moduan Matus, no seu estilo poético, em suas estratégias textuais, artísticas e culturais. O poeta, sua poesia e seu lugar, portanto, são as bases fundamentais desse nosso *A poética identitária de Moduan Matus: a Gização e a arte baixadense*.

Aspectos inerentes a uma literatura engajada, em termos culturais, sociais e políticos e voltada para a Baixada Fluminense, serão abordados ao longo das reflexões contidas nesta obra. O que aqui se afirma já aponta para a forte relação do texto de Moduan Matus com o lugar em que vive. Essa noção de lugar – que será muitas vezes retomada, ao longo

deste livro, estudada pelo geógrafo sino-americano Yi-fu Tuan – , norteará as principais reflexões sobre identidades e marginalidades no fazer poético de Moduan.

Entende-se que há, portanto, no fazer literário do escritor iguaçuano, uma forte relação da criação poética com questões inerentes à sua vivência na região da Baixada Fluminense, que inicia na Gização, no período inerente à literatura marginal, nos anos 1970, e culmina nos saraus contemporâneos, em várias de suas “nuances”.

Esse livro envolve a leitura e a interpretação de poemas e fragmentos da obra de Moduan Matus. Serão utilizadas e estudadas, aqui, obras que tratam de temas como os das identidades, das marginalidades e da noção de lugar.

A Poética Identitária de Moduan Matus: a Gização e a Arte Baixadense é resultado de anos de estudo dedicado à obra desse artista, marginal em sentidos diversos.

Reúnem-se aqui os resultados de artigos, interpretações e inquietações sobre a escrita do poeta baixadense. Espera-se, ao ler, analisar e refletir sobre aspectos poético-identitários de Moduan Matus, desvelar e estudar questões inerentes à relação entre o território da Baixada Fluminense e sua criação literária.

Situada no recôncavo guanabarrino, a chamada Baixada Fluminense é uma região constituída pelos municípios de Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu e Duque de Caxias, entre outros e, apesar de estar na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, é um espaço marcado como fora do centro, por situar-se às margens da Cidade Maravilhosa, não só em termos geográficos, mas, também, econômicos, sociais e culturais.

Em termos gerais, este livro propicia a divulgação do conhecimento produzido na região da Baixada Fluminense. Mais especificamente, pretende desbravar caminhos para o melhor conhecimento, por parte do grande público, da obra desse importante poeta, pesquisador e articulador cultural baixadense chamado Moduan Matus.

1. O lugar nas margens: uma introdução ao estudo da obra de Moduan Matus

1.1. Por que estudar Moduan?

Estudar a obra de Moduan Matus, como aqui se intenta, significa, simultaneamente, abrir uma cortina que oculta passagens culturais ricas, como qualidade criativa e afetividade poética, pouco conhecidas ou mesmo imaginadas pelo conjunto da sociedade brasileira.

Além de ser um poeta reconhecido dentro e fora da Baixada Fluminense, o poeta da Gização traz para si e seu grupo grande responsabilidade. É um dos principais animadores da cultura baixadense e seu trabalho insere-se em inúmeros movimentos e vertentes. Aqui, interessa-nos a temática “Literatura e Marginalidades”.

Ao estudar os aspectos identitários do Grande Rio, vêm à memória daqueles que se interessam pelos eventos culturais da região da Baixada Fluminense autores que se destacaram e se destacam na história cultural baixadense.

Junto a Moduan, com qualidade e reconhecimento semelhantes estão seus companheiros de Gização, do movimento “Caco de Vidro”, do Desmaio Público, Lasana Lukata, Ricardo Rodrigues, Gênese Torres, Guilherme Peres, Tony Maneiro, e tantos outros. Esses são de grande importância, não apenas pelo trabalho incansável pela cultura local, mas também pelo desempenho criativo.

Em um artigo escrito e publicado em parceria com o poeta, cantor, compositor e escritor Dudu Dias, como afirmei

na apresentação deste livro, tive a oportunidade de aprender e divulgar reflexões sobre a cultura e, mais particularmente, a poesia da Baixada Fluminense (FELIX e DIAS, 2014). Nesse artigo, foram mencionados aspectos inerentes aos eventos importantes para a arte da Baixada Fluminense e alguns autores baixadenses. Despretensioso e com esperáveis falhas de um trabalho precursor, em termos acadêmicos, e com compreensível necessidade de suplementação, o artigo intentava abrir caminhos para que outros pesquisadores pudessem interessar-se e divulgar também, nos espaços acadêmicos, trabalhos sobre esse rico manancial artístico da Baixada Fluminense.

Mais do que se fixar apenas em temas locais, os autores baixadenses vislumbraram caminhos discursivos múltiplos que ultrapassaram limites territoriais. Importa, também, ao tratar da poesia matusiana, aproveitar o ensejo para lamentar as enormes dificuldades que os leitores interessados enfrentam para adquirir exemplares de obras (mesmo utilizando a internet) dos artistas da região, ou conhecer mais aprofundadamente a produção artística baixadense.

Muitas vezes, para que se consiga tornar conhecida alguma obra local, torna-se necessário que o artista saia da região. Inúmeros grupos literários, musicais e teatrais, dentre outros, de cidades como Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, para não mencionar todas, iluminam os campos culturais baixadenses. Como sabemos, porém, a indústria cultural, já nos advertiam os estudos de Theodor Adorno, privilegia o que lhe traz lucro mais imediato. Nem sempre percebe ou intenta ver que também se lucraria muito, caso se investisse, seriamente, em divulgação e apoio editorial. Talvez os estigmas da região dificultem mais ainda a ampliação e o reconhecimento por parte do grande público da cultura do lugar.

Para os intuítos do nosso livro, apontamos, como ponto de partida e encontro, para um momento de forte implementação poética, nos anos 1970, que conseguiu chamar a

atenção de autores importantes para os estudos acadêmicos, como Heloísa Buarque de Holanda. O movimento em questão foi denominado Literatura Marginal ou Geração Marginal de 1970. Foi nesse momento que Moduan e seus amigos poetas de gização e “marginalidades” iniciaram suas trajetórias poéticas.

Antecipa-se, aqui neste livro, que a problemática da marginalidade relaciona-se diretamente com a questão das identidades, propositadamente, posta no plural. Os estudos sobre a marginalidade na literatura apontam para a discussão sobre obras de autores como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, João Antônio, a Geração mimeógrafo, os autores da COOPERIFA, dentre outros, que têm sido estudadas por pesquisadores como Heloísa Buarque de Hollanda, com os seus *26 Poetas Hoje e Impressões de Viagem. CPC, Vanguarda e Desbunde 1960/70* (HOLLANDA, 1980); Lia Martin (2008), *Literatura e Marginalidade* (2008); Alexandre Farias, Paulo Roberto Tornani do Patrocínio e João Camilo Penna, *Modos da Margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*; Érica Peçanha do Nascimento, *Vozes Marginais na Literatura*; João César de Castro Rocha, *Guerra de relatos no Brasil Contemporâneo. Ou: A Dialética da marginalidade*. Ressalte-se que, nesta pequena lista, elencamos apenas aqueles que são, de alguma maneira, citados neste livro. Não poderíamos esquecer, entretanto, de citar a obra precursora de Roberto Da Matta, *Carnaval Malandros e Heróis*, que já abria caminho para reflexões sobre as marginalidades, diretas ou indiretas, no campo da antropologia.

É importante aludir ao fato, no que diz respeito aos autores da Baixada, que começa, nos últimos anos, a haver interesse em conhecer melhor a produção cultural desses artistas. Esse livro, dedicado ao estudo da poética do baixadense Moduan Matus, é um evidente exemplo do despertar da academia para essa literatura. Como afirmei, juntamente com Eduardo Dias, no artigo “Marginalidades em destaque: a lírica baixadense contemporânea” (2014):

Iluminar aspectos identitários culturais de autores da periferia significa, simultaneamente, no caso aqui destacado, ampliar o conhecimento acerca de aspectos globais. A diversidade cultural brasileira tem sido estudada em inúmeros campos, desvelando autores e obras importantes. Torna-se necessário que se comente, aqui, o fato de que, individualmente, há autores da Baixada Fluminense que já são citados pela mídia, ou mesmo por estudiosos como a já comentada Heloísa Buarque de Hollanda. Estes já possuem uma produção razoavelmente conhecida. (FRAZÃO e DIAS, 2014)

O ineditismo de nosso livro, caso haja, está em trazer aqui a possibilidade de estudar a poesia baixadense nas instituições de ensino locais, principalmente, na Universidade. Como se pode perceber, almeja-se maior divulgação da arte produzida longe dos grandes centros e se “perscrutar no silêncio do preconceito velado as qualidades textuais das obras”.¹

Nas últimas décadas do século XX e neste início de milênio, os estudos literários têm apresentado uma inclinação maior ao diálogo interdisciplinar, à aproximação de disciplinas como a sociologia, a antropologia e a história. Essa inclinação comparativista suscita discussões importantes no que diz respeito aos “novos territórios literários”.

Na geografia, em especial, destaca-se a “geografia humana” dos estudos do sino-americano Yi-Fu-Tuan. Em suas obras aqui tratadas, ele recorre a uma abordagem de tendência psicológica, para discorrer sobre a distinção entre as noções de espaço e lugar. Tuan entende que o lugar é uma área que foi “apropriada afetivamente”, dotada de elementos significativos de um determinado grupo.

1 Alguns trechos desta parte do livro baseiam-se no artigo citado, escrito em parceria com Eduardo Dias.

Na literatura, a percepção das transformações pelas quais passam a sociedade contemporânea e os próprios estudos literários, tem propiciado a reflexão sobre o surgimento do que se pode denominar “territorialidades textuais das margens”.

Neste primeiro capítulo do livro pretende refletir acerca das figurações da(s) marginalidade(s) na obra do poeta Moduan Matus. Com suas atuações, o artista suscita o aprofundamento de estudos e abre caminho para que se pense a respeito do lugar que habita há mais de cinco décadas.

A trajetória da criação literária do poeta e o lugar têm uma relação simbiótica, que vai da poesia alternativa da década de 1970 – quando escrevia seus poemas em muros e portas de lojas fechadas –, aos saraus em bares e em quintais.

Na atualidade, Matus, além de um poeta de extensa (no entanto, pouco divulgada) produção, é pesquisador da cultura baixadense e ativista cultural. Dos problemas sociais, às festas, aos saraus, as poesias de Moduan, além da qualidade artística e da reflexão crítica sobre seu lugar, articulam discussões da atualidade inerentes às identidades literárias contemporâneas.

1.2 Moduan Matus e as margens

O diálogo interdisciplinar tem mostrado grande força nos estudos literários, neste início de milênio. Nesta perspectiva, disciplinas diversas dialogam com a literatura, como é o caso da sociologia, da antropologia e da história. Destaca-se, aqui, o caso da geografia, com a implementação de discussões sobre novas territorialidades e legitimidades identitárias. Enfoca-se, no caso, a geografia humana.

Um dos mais conhecidos e respeitados representantes dessa vertente dos estudos geográficos é o sino-americano Yi-Fu-Tuan. Em suas reflexões, ele traz à baila uma abordagem

de forte teor psicológico, discorrendo sobre a problemática da relação entre as noções de espaço e lugar.

Diferente do que o antropólogo e sociólogo Marc Augé (1994) denomina não-lugares, referindo-se, em outro contexto, a locais de passagem como aeroportos, rodoviárias, para o geógrafo sino americano Yi-fu Tuan, lugar é a casa, o local e o espaço que já se infiltraram na “psique” do indivíduo.

Tuan, na introdução de sua conhecida obra no campo da geografia humana, *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, afirma que: “O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar” (TUAN, 2013, p.11).

O lugar, para esse estudioso, é uma área que recebe influxos afetivos. Está repleto de valores significativos de uma comunidade, de um determinado grupo. A questão da afetividade, direta e indiretamente, interfere nas relações entre as identidades e as alteridades.

O que se destaca no parágrafo anterior envolve problemas diversos, relativos aos gêneros, às religiões, às etnias, entre outros. Esses lugares são espaços carregados de marcas identitárias. Figuram enquanto territórios, trazendo à discussão questões diversas, inerentes às territorialidades, aos direitos e às legitimidades no mundo globalizado contemporâneo.

Novas formas de convivência e apropriação dos territórios (não apenas geográficos), principalmente com a interferência das líquidas instâncias midiáticas, impõem-se. Isso revela – ou desvela – diálogos e/ou conflitos de incomensuráveis abrangências, apontando também para novas perspectivas de vivência e reflexão da sociedade, da cultura e da arte.

No campo da literatura, ampliou-se a percepção das transformações pelas quais passam a sociedade contemporânea e os próprios estudos literários, o que tem propiciado reflexões sobre o surgimento de novas perspectivas identitárias.

Neste capítulo, e ao longo de toda a obra, acerca das figurações da(s) marginalidade(s), a partir da literatura de Moduan Matus, se ensejará o aprofundamento de estudos sobre a imbricação entre “literatura e sociedade”, numa referência proposital à obra homônima de Antônio Cândido.

Moduan Matus, como se pode ler no Blog do autor (hospedado em <https://moduanmatus.blogspot.com>), é pseudônimo de Edgard Vieira Matos. Segundo consta na biografia presente no site do escritor, ele nasceu em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, em 25 de julho de 1954 e adotou, em 1974, o pseudônimo artístico Moduan Matus quando começou a escrever poemas, alguns desses de protesto contra a ditadura de 1964.

Sua primeira publicação ocorreu em 10 de julho de 1979, na revista Equipe, número 13. O reconhecimento poético veio a partir de 1978, quando, devido ao pouco espaço para a publicação de poemas, passou a escrevê-los, a giz, nas portas das lojas (quando fechadas), nos centros comerciais da Baixada Fluminense, no município do Rio de Janeiro e, em Niterói e São Gonçalo, mas, principalmente, em Nova Iguaçu.

As portas de aço com ranhuras, pintadas com tinta fosca e escura, refletiam bem os poemas; sucintos, feitos de forma clara, para que os passantes pudessem lê-los caminhando. A gização chegou a virar um movimento de poetas. O grupo foi batizado com o nome de “Caco de Vidro”, na década de 1970, daí desembocando em outros movimentos poéticos-culturais. (MATUS, 2016)

Da poesia alternativa da década de 1970 até os saraus, Edgard Vieira Matos / Moduan Matus impôs-se enquanto autor que não cedeu à sedução das facilidades editoriais. Além de poeta, é pesquisador da cultura baixadense e ativista cultural. Abrangendo críticas sobre seu lugar, articuladas aos problemas sociais, festas e saraus, a poética de Moduan, apesar de extensa, é pouco conhecida, porém motiva reflexões sobre as identidades literárias contemporâneas.

A presença e a atuação de Moduan na cultura da Baixada Fluminense, tendo, como vertente importante de seu trabalho poético, questões do local, apontam para uma forte afetividade por um espaço considerado periférico em relação à cidade do Rio de Janeiro.

O olhar que o eu lírico, nas poesias do autor, lança sobre as cidades baixadenses é fundamentalmente crítico. Percebe-se, entretanto, que tais críticas têm sentido construtivo. Afinal, elas partem de um forte conhecimento, tanto das mazelas, quanto dos pontos positivos da Baixada, em especial de Nova Iguaçu. Assim, o espaço baixadense torna-se um lugar, no sentido dado por Tuan, onde o poeta, há anos, vive e tem sua família e de onde a voz poética fala. A identidade do poeta assume as cores da realidade (e dos estigmas) de seu lugar.

O termo marginal, para muitos, soa forte demais, ou errôneo para refletir acerca da obra de um poeta que participa, há décadas, também de alguns espaços ditos centrais, como CEP 2000, liderado por Ricardo de Carvalho Duarte, o Chacal, dentre outros. No entanto, a marginalidade, em Moduan, não se situa totalmente no aspecto socioeconômico, como ocorre com o conhecido poeta Ferrez, que se autodenomina autor marginal de periferia (NASCIMENTO, 2009).

Em realidade, a situação poética de Moduan dialoga com a problemática da marginalidade, quando se pensa na exclusão, ou na “oclusão” do seu lugar de fala. Entra em questão, como se pode perceber, o próprio olhar das elites, tanto socioeconômicas, quanto culturais. A marginalidade apresenta-se no sentido de dificuldade de acesso a um grande público ou, em certo sentido, de autoexclusão.

Moduan Matus foi citado por Heloisa Buarque de Holanda e Carlos Alberto Messeder Pereira (1982), por suas poesias, na década de 1970, quando iniciou sua caminhada poética, com sua peculiar “gização”. No entanto, após isso, não teve a divulgação ampliada.

A “poética marginal”, no sentido aqui redimensionado, não se fecha em um casulo. Ao contrário, busca seus espaços nas ruas, nas escolas, nas praças e na internet. O território marginal é do mundo, embora sua voz parta da periferia.

Para antecipar o comentário sobre o texto de Matus remetendo a um termo utilizado em um de seus poemas, pode-se afirmar que o Éden baixadense dialoga com outros édens, tanto periféricos quanto centrais, tanto o da bíblia quanto o do “sacolão”. O Éden bíblico está contido na dizimação dos organismos, como se poderia afirmar a partir da interpretação de outros versos de sua autoria. Portanto, ao se pensar sobre a marginalidade, aqui, reflete-se também sobre a identidade poética de Moduan Matus, sobre sua relação com seu lugar de origem e de fala.

Moduan é herdeiro de certa verve crítica limabarretiana (todavia, no campo da poesia). Ele constrói, à sua maneira, uma trajetória peculiar, como tantos outros na Baixada Fluminense, do presente e do passado, lembrando, no campo da cultura, de Solano Trindade – que viveu algum tempo na Baixada e radicalizou-se, depois, em Embu das Artes, São Paulo.

1.3 Marginalidades – identidades subalternas?

No que diz respeito à questão das identidades, autores como Zygmunt Bauman (2004) e Stuart Hall (2014), em textos já bastante conhecidos no meio acadêmico, afirmam, cada um com suas peculiaridades reflexivas e textuais, que o “pertencimento” e a identidade não são tão sólidos quanto se pensava, ainda sob a vigência dos Estados Nacionais.

As identidades e o pertencimento são “negociáveis”. Ao se discutir as novas territorialidades, em termos sócio-políticos, abrem-se também, nos estudos das Ciências Humanas, novos e ricos caminhos especulativos, no que diz respeito aos

campos de atuação das disciplinas, da cultura e das linguagens artísticas.

Como afirma Bauman,

[...] tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a todo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a identidade. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Entretanto, pertencer a um determinado “lugar”, ou comunidade (no sentido europeu), em locais centrais, como a Polônia – como Bauman –, ou a Jamaica – como Hall –, diferencia-se bastante de pertencer a uma comunidade, no sentido brasileiro. Ou seja, o pertencimento a uma comunidade como o Capão Redondo, o Complexo do Alemão, ou a Baixada Fluminense, situa, ou liga, de imediato, o sujeito a um estigma, a uma visão ou condição, se não de excluído, de subalterno.

Podemos compreender melhor a questão da subalternidade refletindo a partir do sentido dado pela escritora indiana Gayatri Spivak, em seu ‘ensaio-livro’ *Pode o Subalterno Falar* (2014). Nesse pequeno e precioso texto a estudiosa aponta para as figurações de uma sociedade em que a mulher ainda não conquistou efetivamente seu “lugar de fala”. Embora não trate efetivamente da problemática das territorialidades textuais, ou mesmo da exclusão social, em sentido amplo, Gayatri permite, com suas elucubrações, que se possa criar um diálogo reflexivo aproximando diversos “locais de discurso”, onde não há “potência de voz”.

Essa ausência de lugar de voz costuma ocorrer com as chamadas minorias – que, em geral, constituem-se como maioria numérica. Nesses grupos, podemos citar mulheres,

negros, pobres e tantos outros, no Brasil. O poeta Moduan Matus impõe sua voz a partir da visão crítica e de sua atuação efetiva na dinamização da arte na Baixada Fluminense. Isso lembra bastante outro importante escritor da região, autor do Hino do município de Duque de Caxias e admirado por Matus: Barboza Leite – poeta, artista plástico, compositor, enfim um multi-artista, cuja obra começa a ser estudada, principalmente, na Baixada Fluminense.

1.4 Dizim-a-ção do Éden

A poesia metamorfósica de Moduan, em sua vertente sobre a Baixada Fluminense, aponta para a relação entre o lugar, no sentido já aqui descrito, de Yi- Fu Tuan e a ecologia.

Dizimando o ambiental
Abreviando a matéria
Tradicional igreja
No centro de uma cidade na baixada
Cortam as duas árvores cinquentenárias.
Esvai-se cerne e seiva
Alma do seu estacionamento
É que os dízimos
Não são diários.
(MATUS, 2016)

A morte de duas árvores no centro urbano não chama a atenção dos habitantes e caminhantes do local. Os passantes e os moradores das grandes cidades já se acostumaram com a dizimação. No entanto, a problemática do dízimo é aproximada da questão dos desmatamentos e das atrocidades contra a natureza, tão combatida por movimentos como o da conhecida ONG *Greenpeace*.

Esses versos de Matus trazem ao debate um outro assunto: a maneira como as religiões efetivamente vêm e tratam a natureza, o que está vivo. Ao iniciar com o verbo dizimar, no gerúndio, o poeta põe em movimento um jogo semântico de vertentes múltiplas e potentes. Dizimar significa destruir, matar. Mas, se dizimando é simplesmente o verbo dizimar, no gerúndio, também pode ser entendido, a partir de seu viés neológico. Verbo criado a partir do substantivo dízimo.

O mau uso do dízimo, implicitamente, afirma a voz poemática, pode matar. Percebe-se a denúncia poética: as árvores centenárias são cortadas por não terem muita importância para os dirigentes religiosos, no caso em questão. O campo semântico do termo dízimo amplia-se e acopla-se na denúncia, quando o eu lírico afirma que “no centro de uma cidade da Baixada, / cortam as duas árvores cinquentenárias”.

Não são árvores comuns, por serem históricas. As árvores são a alma do lugar e ao cortarem-nas, cortam o cerne da vida (da memória) e da tradição do local. A nomeação do “locus” não é definida. Poderia acontecer em qualquer município baixadense, na Nova Iguaçu do poeta, ou na Duque de Caxias de Barboza Leite e Solano Trindade (multiartistas que adotaram essa cidade como seu lugar Poético).

“Cortam as duas árvores cinquentenárias”. Não se sabe ao certo de qual cidade se trata, mas sim que se trata da Baixada Fluminense. O artigo indefine, quando o eu lírico expõe “(...) uma cidade da baixada”. Pode tratar-se da cidade em que o poeta está radicado, ou qualquer outro município baixadense em que haja igrejas. Mais que isso, a tradição cultural é evocada e o poema transforma-se em agente da memória, ou propulsor, ao mesmo tempo em que critica as atitudes daqueles que “dizimam”, mesmo recebendo dízimo.

O jogo poético-semântico reluz mais ainda, quando, ao final, o eu lírico ironiza o viés religioso do dízimo, mostrando uma outra face da medalha das pregações: é que os dízimos

não são diários. A referência bíblica à doação de dez por cento da produção de cada fiel, apontaria para a ausência de necessidade de que a igreja cobrasse pelas vagas de seu estacionamento. Como os díizimos são cobrados apenas mensalmente, ironicamente, o eu lírico profetiza: nesse caso, sim, torna-se necessário aumentar o números de vagas do estacionamento. A igreja precisa suplementar o díizimo. Isso justifica a dizimação, a morte das árvores cinquentenárias, mesmo que o meio-ambiente sofra com isso.

Moduan Matus, nesse pequeno poema, revela uma forte capacidade de síntese. Os jogos semânticos e a suposta fragilidade de um poema com versos brancos e livres colaboram para que o poder bélico da crítica à agressão ao lugar se amplifique. O viés afetivo, apontado pelo geógrafo Tuan, encontra-se, com clareza, nesse poema que se encaixa entre os versos de Moduan sobre a região da Baixada Fluminense.

As árvores cinquentenárias são fundamentais, entretanto há um desrespeito a elas. Há, simultaneamente, um desrespeito à seiva, à raiz ecológica e afetiva, pois tal seiva é vital, é a base do amálgama local-lugar, espaço-memória. O lugar de memória é preservado quando se reflete, antes de tomar atitudes no campo socioeconômico, nas vidas humanas (ou não) que podem ser tolhidas ou destruídas.

O caso das árvores e da tradição cultural do lugar baixadense são um gancho para a problemática das identidades periféricas, que está no bojo da criação textual do poema aqui destacado, mas também é um reflexo da polêmica ética contemporânea no mundo ocidental.

Em um outro poema, também contido no Blog do autor, na seção intitulada "A poética Baixada Fluminense e um pouco de poema sobre a Baixada", podem-se escolher vários outros textos contundentes em relação à visão crítica e não menos criativa de Matus sobre os desmandos ocorridos nas periferias.

Vejam o poema que tem como primeiro verso “O jardim de Éden”. Como os outros poemas desta seção do Blog, este não tem título. Assim, aqui, esse verso servirá como título, como é costume se fazer no trato de poemas de autores como Luís de Camões.

O jardim de Éden
No momento
Feito de restos do sacolão.
São organismos desorganizados
Reveses do chão.
A flor oculta
Resplandece o opaco
Borboletas metamorfoseadas
Mariposeiam
Pousam na alvenaria e
Aguardam.
(MATUS, 2016)

Já no primeiro contato com o pequeno texto percebe-se a criatividade do autor, ao ampliar a significação do trecho, ao “retocar”, a preposição ali contida. Ao invés de remeter ao Éden bíblico, da tradição ocidental, global, o eu lírico particulariza, aponta para o seu lugar: a Baixada Fluminense.

A analogia abre-se para um trabalho poiético, metafórico, alegórico. O jardim “de Éden”, diferencia-se do edênico jardim dos sonhos cristãos. Éden é um bairro da região de São Mateus, terceiro distrito do município de São João de Meriti, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Como outras localidades da Baixada, geralmente é lembrada pela associação a problemas de violência.

A ideia de nomear a cidade com uma palavra que significa paraíso partiu de uma imobiliária para alavancar as vendas dos terrenos de um loteamento. A denominação

original da localidade era “Itinga”, que significa, em Tupi, água branca. O nome, quando o loteamento foi lançado, não rendeu o esperado. Nenhum imóvel foi vendido. Para impulsionar as vendas, a imobiliária utilizou uma pesquisa que mencionava a existência de uma bruxa de nome Itinga. Ela aparecia em noite de lua cheia. Não era mesmo de se estranhar que o resultado fosse assustador. Assim, a água branca abria margem à ideia de paraíso. Nascia, então, o bairro de Éden, na periferia da periferia, em São João de Meriti, Baixada Fluminense.

O eu lírico abre a visão do “Jardim de Éden” com indícios de paradoxos, que se confirmam ao longo da única estrofe que compõe a obra, de onze versos livres. No momento em que o texto se amplia, uma imagem central destaca-se. O paraíso é constituído por restos de um sacolão.

O termo sacolão, que também pode remeter à expressão “saco de gatos”, significa mistura. Essa é uma gíria usada para denominar uma loja de hortaliças, frutas e legumes, portanto uma quitanda. Éden é, assim, para o eu poemático, um grande “saco de gatos” uma grande mistura, “restos de sacolão”, “são organismos desorganizados”, diz o poema.

Outro paradoxo: a ordem desorganiza. Portanto o organismo não é mais organismo. Esse lugar é assim, fundado nos “reveses do chão”. A última expressão pode remeter – inclusive sonoramente – os conhecedores da obra de Antônio Cândido ao importante e conhecido ensaio “Ao rés do chão”, que por sua vez, remete à expressão francesa “rés-do-chão”. Trata-se da parte mais baixa de uma habitação. O eu lírico joga com o termo “rés” e o cambia. Sendo revés o oposto, o revés do chão é mais baixo que o mais baixo lugar.

Sendo lugar, segundo Tuan, a habitação afetiva do ser humano, pode-se entender que a voz lírica levanta-se para iluminar o “bas-fond”, o fundo do abismo, onde habitam os “organismos desorganizados”. O texto de Antônio Cândido, aqui citado, trata da crônica enquanto gênero. A discussão

provocada por Cândido põe em destaque a visão que se tem da crônica, vista pela tradição como gênero menor, principalmente por aproximar-se do texto jornalístico.

Moduan cria um poema-crônica que é mais crônica quanto mais é poesia; e é mais poesia quanto mais aponta para a crônica situação de determinados lugares da Baixada Fluminense. “Ao revés do chão” é o oposto de por os pés no chão, de capinar, arar, produzir. É destruir, ou permitir-se ser destruído, enquanto organismo vivo, pensante, dono de seu próprio chão. Nesse momento, novamente, interfere a problemática da preocupação com o ambiente, com os organismos, com a vida. Aqui, o resultado da irresponsabilidade com o ambiente, com as pessoas que se alimentam da seiva do “chão”, da terra, da natureza, verificado no poema anterior, continua neste: “flor oculta resplandece o opaco”.

Na opacidade da desordem que os olhos vêem, levanta-se, silenciosamente a voz poemática. “Borboletas metamorfoseadas mariposeiam/pousam na alvenaria e aguardam”. Os olhos vêem na imagem tenebrosa do lixo, representada pela mariposa, a presença da beleza. Mesmo parecendo mariposa, que aponta para certa escuridão, a claridade, a beleza e a cor, próprias da borboleta, permanecem na mariposa. Esse inseto, permite dizer o texto, tem sua beleza. É preciso saber ver, ter calma para possibilitar ou provocar a transformação.

As borboletas aguardam no lugar supostamente mais seguro, ou tradicional: a alvenaria. O eu lírico aguarda, mas enquanto voz poética, nesse mesmo momento, age, “põe a boca no mundo”, berra, grita. Quem se lembra da história recente do lixão de Gramacho (Duque de Caxias), transformado pela câmera do glamour midiático, percebe que muitos beneficiam-se da pobreza econômica das periferias.

O lixo entrou na moda. Com ele, aproveitam os estudiosos da exclusão social na literatura, retornam reflexões sobre autores, temas e personagens que durante muito tempo

ficaram à margem das grandes discussões literárias, como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, a problemática das favelas, das minorias, enfim, da exclusão social. Zygmunt Bauman, em sua obra *Vidas Desperdiçadas*, afirma que o grande problema contemporâneo está na necessidade de se saber o que fazer com o lixo. Mais ainda, o sociólogo afirma serem os humanos refugos. Por esse prisma aberto pelo autor polonês, pode-se dizer, retomando a interpretação dos dois poemas de Moduan Matus, que a preocupação do poeta volta-se para a profundidade do problema que o eu lírico matusiano desvela.

O dízimo pode caminhar para a dizimação das culturas, das pessoas, das árvores, enfim, dos seres vivos, que terminam por se transformar em resíduos desprezados pelas atitudes excludentes das elites dominantes. Assim, as borboletas metamorfoseadas, na penumbra da dizimação e/ou da desorganização, aguardam que Éden se metamorfoseie, na transformação possível da ação cidadã, se não em um paraíso, em um efetivo lugar, espaço de afetividade, de relação amorosa com o local em que trocam experiências, suportam dores, enfrentam tiranias, comemoram seus nascimentos e, juntos, superam as perdas.

Os dois poemas de Matus, aqui, sinteticamente analisados são, eles mesmos, como gênero, metamorfoxicos: poemas crônicas, crônicos poemas que injetam lirismo mesmo no lixo resultante da exclusão. Denunciam a perda da aura da ética; para a “midiática reprodutibilidade técnico-informacional do negativo, dos medos e das crises” – parodiando o título de conhecido e importante artigo de Walter Benjamin (1994), *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*.

Como as borboletas, os poemas aguardam, mas na instabilidade provocada pelo estímulo do pensamento ético. O lugar poético de Matus está situado ao revés da exclusão, no viés da beleza extraída do que não se quer ver, mas que o poeta ilumina e luta, enquanto artista e cidadão, para transformar.

Como foi mencionado, há pouco, um dos problemas mais complexos da contemporaneidade está centrado no destino do lixo produzido em grandes quantidades pelos seres humanos. Retomando, mais uma vez, Bauman e sua reflexão sobre os seres humanos tornarem-se refugos, pode-se dizer, interpretando alguns poemas de Moduan Matus, que são postos em discussão aspectos contidos nas inquietações do sociólogo polonês acerca da vida líquida, das identidades e, mais ainda, das vidas desperdiçadas, da desumanização marcante do chamado Pós-modernismo. Vejamos mais um poema baixadense:

Inúmeros dejetos
Ainda em Gramacho
Cobrem o corpo do desaparecido.
A sua última viagem
Velada pelos urubus
Apeou meio aos escombros
E decepou-se fragmentado
Entre o que a terra
Jamais comerá totalmente:
O mal que faz o homem
A natureza
E os bichos não comem.

Entre os poemas de forte poder metafórico e criativo de Moduan, está este, que apresenta o corpo humano como um objeto. Mais que isso, como dejetos em meio a outros dejetos, portanto como refugio. A morbidez da cena, cede, no olhar do leitor, à inventiva do poeta. Sua estratégia vocabular aponta para o monturo de lixo como expectador e os urubus como os únicos capazes ou capacitados para velar o morto. E o morto nada mais é que dejetos. O “corpo do desaparecido”, em “sua última viagem” é “velada pelos urubus”.

Talvez haja, em uma ironia de sutileza letal a incautos e apressados leitores, uma menção ainda mais contundente à relação dos seres humanos consigo mesmos e com a natureza. Os urubus podem comer o que há de mais podre, e o corpo apodrece, tornando-se alimento para esses animais e para a própria terra. Mas o restante do lixo, nem sempre poderá ser tragado. Assim, não está na morte do corpo humano o problema da natureza, mas na vida humana que destrói e cria objetos que não podem ser tragados totalmente pela terra. À desumanização pós-moderna, a voz poética adiciona os crimes ambientais e aponta para a necessidade de uma reflexão ecológica e ontológica, metafísica: o fim, a morte, a vida e a responsabilidade humana para com a continuidade dela. Os seres humanos, permite o poema que se conclua, são irresponsáveis, não zelam pela vida. Quem vela o corpo dos ditos humanos, com seriedade, são os urubus.

O homem desaparecido, diz o eu poemático, fez sua última viagem em vida no lixo, em Gramacho. Nem padre, nem pastor, nem qualquer guia religioso presta serviço no templo das “Vidas desperdiçadas”. Apenas aves carniceiras velam. A terra não cobrirá totalmente o lixo destruído: “O mal que faz/ o homem/ A natureza/ E os bichos não comem”.

Em outro poema, a responsabilidade em relação à vida humana é posta em questão, novamente. A forma como se trata a questão da água é preocupante. O poeta constrói um pequeno e precioso texto que, também como uma crônica, descreve aspectos do cotidiano baixadense e a preocupação com os destinos da água, substância preciosa também nos “tempos líquidos”, acelerados:

Caminhões ainda pingando
Cheios
De areia lavada
Cruzam cidades

No asfalto da baixada.
Placas de Seropédica
Placas de Itaguaí
Indo para todos os lados:
Guapimirim, Magé e Paracambi.
O Rio de quem nada
Vê
No oco dos redemoinhos
E a água que se precisa
Tomando
Outros caminhos.

Os jogos de imagem e linguagem de Moduan, caso não se esteja atento, passam despercebidos. “O Rio de quem nada/vê”. Não se vê o óbvio, na cidade do Rio de Janeiro, pois nesse rio que se nada, no nada, no “oco dos redemoinhos”, não se para. Segue-se o caminho dos automóveis, autômatos. E a água que se bebe, toma outros caminhos. A precisão sutil e criativa do poeta leva a água a tornar-se a seiva do poema, podendo, ao ser desviada criminosamente, ao invés de matar a sede, matar de sede a população que bebe a água do rio Guandu.

Os caminhões de areia deixam a água no asfalto e o perigo de secar os mananciais é cada vez mais iminente. Guapimirim, Magé, Paracambi pertencem à Baixada. A partir do que denuncia o poema, se poderia perguntar também: e a água ainda é da Baixada? As vidas da Baixada são desperdiçadas pelos desvios, de diversas formas, tipos e procedências.²

Mesmo com poemas críticos e denunciadores, Moduan Matus não aposta na visada negativa ou na criação engajada, apenas. Envolve seus petardos poéticos em um lirismo calmo

2 Esta parte do capítulo dialoga e contém trechos do artigo publicado no livro do Grupo Margens da Literatura/CNPq, *Às margens: Leitura, identidade e marginalidades em questão* (2017).

de quem sabe que se tem, na Baixada, que superar, a cada dia, o que os estigmas querem tornar verdade.

Noite de seresta
E um saudosismo
Ecoando ao ar livre
Lembra madrigais
Que não existem mais
Mas o que se vê a cada rosto
À lua exposto
Na Praça Santos Dumont
É um brilho único
De quem sabe fazer da hora o acalanto
(e não o pranto!)
Em sintonias celestiais.

Nesse poema, a menção à seresta eleva o pensamento a outros espaços fluminenses, como o distrito do município de Valença, Conservatória, conhecido por suas serenatas ao luar. Diz a voz poemática, efetivamente lírica “Na Praça Santos Dumont”, presenciar, nos rostos nas ruas expostos à lua, um brilho único. E quem detém ou emite esse brilho local, o conquista, pois sabe transformar a dor em acalanto (mas não em pranto, diz a voz lírica).

Em vez de sinfonia, a palavra sintonia, tomando o seu lugar, projeta as alusões à seresta, ainda guardada na memória do baixadense, ao futuro, pois consegue projetar-se em “sintonias celestiais”. Assim, o tema da seresta é polifônico, na remissão do eu poemático a outros momentos em que a música enleva e eleva aqueles que conseguem envolver-se na sonoridade poética do seu lugar, seja ele qual for. Mas o lugar tratado por Moduan Matus é a Baixada Fluminense, cujos estigmas, muitas vezes, não deixam que os próprios moradores da região sintonizem-se com o que é bom em seu lugar (FÉLIX, 2017).

Moduan Matus é poeta, pesquisador e ativista cultural, portanto, esforça-se para mostrar que na penumbra provocada pelo desperdício, pela dizimação, nas margens, na periferia, há belezas que poucos conseguem ou querem perceber.

A poesia de Moduan Matus é múltipla em temáticas e em estratégias textuais. Há um veio identitário percorrendo as inúmeras trilhas poéticas abertas por sua arte e por suas atividades artísticas, em meio a um olhar preconcebido das elites dominantes.

Desde o início de sua produção, a criatividade está a serviço da ação, nos campos muitas vezes minados, em vários sentidos, das periferias. A começar pelas figurações no período complexo em termos de liberdade, de criação da poesia marginal, nos anos 1970, até os dias de hoje.

Moduan participa e organiza eventos artísticos, aproximando sua poesia das artes plásticas; convivendo com artistas plásticos, músicos. Aproximando-se da gastronomia local, expandindo o dialogismo da literatura com as mais diversas expressões artísticas. Para isso, dinamiza eventos em bares, frequenta atividades escolares, torna-se amigo de professores e alunos universitários, movimenta, com saraus, praças e jardins e transforma seu quintal em palco de inúmeras atividades artísticas, desvelando, como pode, a beleza da cultura baixadense.

2. Nas trilhas de Moduan Matus: a Baixada Fluminense como um lugar poético

Como já ressaltado anteriormente, na atualidade, tem-se dado, nos estudos das Ciências Humanas, um maior destaque a questões relacionadas ao lugar, às identidades, às marginalidades, ao pertencimento. Essas questões trazem reflexões a respeito da sociedade em geral e têm recebido bastante atenção, mais especificamente, na literatura contemporânea.

É possível perceber a presença das questões citadas nas abordagens poéticas e nas reflexões de Moduan. No segundo capítulo deste livro, intenta-se refletir sobre a importância da obra desse autor baixadense, de seu lugar e do lugar de sua poesia.

2.1 A poética e o lugar de Moduan Matus

Desde o início do terceiro milênio, tem sido muito abordada a questão das identidades, entretanto não mais pelo viés das nacionalidades ou das identidades nacionais. A identidade, atualmente, não tem sido resumida somente ao ponto de vista da nacionalidade, assim também como lugar não tem sido resumido à questão da nação.

As reflexões sobre identidade e lugar têm levado alguns autores a pensar, também, na problemática das marginalidades. É preciso fortalecer a afirmativa de que ser marginal, no sentido aqui tratado, não se relaciona a transgressões sociais ou

jurídicas. Entende-se, ao longo deste livro, a questão das marginalidades no sentido de algo ou alguém que está às margens da sociedade, que, portanto, não está situado no centro, por não se encaixar nos padrões impostos pela própria. Isto é, por não pertencer ao lugar em que aqueles que são aceitos socialmente fazem-se presentes.

Nós, seres humanos e sociais, possuímos muitas identidades. As questões que integram esse quesito são: a raça, a religião, a profissão, o gênero, a sexualidade, entre outras. Quando o indivíduo desvia-se do padrão que a sociedade impõe como norma, este sujeito é visto como minoria, como marginal.

Ao refletirmos sobre o que está às margens, o que é marginal, remetemos a alguns lugares periféricos, como um município da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, chamado Nova Iguaçu, lugar do poeta sobre o qual os estudos deste livro se debruçam.

Moduan Matus, pseudônimo adotado pelo artista durante a Ditadura Civil Militar, não apenas vive em Nova Iguaçu, como nasceu e cresceu neste lugar. Há outros locais periféricos em que também encontraremos essas pessoas que vivem à margem, no Estado do Rio de Janeiro, em bairros como os da zona norte e nas chamadas favelas (que num frágil eufemismo, são chamadas de “comunidades”).

É notório que não apenas no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense estão os excluídos. Há, no Brasil inteiro, periferias e artistas pertencentes a minorias. Como exemplo, podemos citar locais marginalizados do Sul do país, em que o Vampiro de Curitiba, Dalton Trevisan, criou um dos mais importantes contos da literatura brasileira: “O Cemitério dos elefantes”. Nessa obra, os excluídos são empurrados para os locais mais periféricos, pois o marginal não habita o centro das cidades. Então os paquidermes, lerdos e passivos como os elefantes, ficam afundados na lama. As garrafas são desenhadas pelo

narrador como as presas dos elefantes. A elefantíase completa o campo metafórico-semântico centrado na exclusão daqueles que não lutam para transformar aquele espaço em um lugar, um lar.

Edgard Vieira Matos retrata a sua realidade e o seu cotidiano, transformando-os em arte. O escritor aproveita, também, a vivência de outras pessoas de seu convívio em suas poesias, abordando questões, como já se reiterou, como identidade e lugar, em diálogo com a marginalidade.

Matus escreveu poemas contra a ditadura civil-militar de 1964 (mas não apenas) e publicava-os a giz nas portas das lojas para que as pessoas, ao passarem, pudessem ler seus versos. Esse ato foi denominado, na época, gização. Atualmente seria conhecido como uma espécie de grafite, uma arte que é muito difundida entre os jovens. É utilizada para expressar suas ideias, sua realidade e, muitas vezes, denunciar a opressão sofrida pelos marginalizados. O tão popular grafite, portanto, está bem próximo da gização praticada por Matus.

2.2 Um estado social periférico

Atualmente, Moduan Matus publica seus poemas em seu Blog na internet. Lá encontram-se, também, haicais, parlen-das, trava-línguas, contos minimalistas e outras categorias de poema, como por exemplo, o concreto.

Como observamos nos poemas abordados anteriormente, os textos de Moduan não costumam apresentar um título. Nos poemas abaixo, é possível compreender melhor o que vem sendo dito teoricamente neste capítulo.

Um estado social periférico estereotipado em;
Deáreadograndeionuncapassará
Sabequesuburbanosempreserá

Esenãofizerporsininguémfará.
Assentou-se as microrregiões
Na mesorregião baixadense de verossimilhanças.
E a vida, lagarteando, feito o trem
Sua de sol a sol; buscas:
De alto-estima
De abaixo estigmas
De reconhecimento aguerrido
Ao direito de ir, vir e ver:
Sol brilhar, gente crescer
Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar.
(MATUS, 2019)

Nesse, que será chamado por nós de “Um Estado Social Periférico”, Moduan traz uma visão da realidade de um marginalizado, abordando identidade e lugar através de seus versos. Já no primeiro verso há como que um aviso sobre o que o eu lírico irá dizer no poema (já que não possui um título). Fica subentendido que o trecho versará em torno da palavra “estereótipo”.

Nos quatro primeiros versos, o eu lírico está reproduzindo a fala da sociedade para um marginalizado. Neste caso, a voz desses versos fala diretamente aos que moram na Baixada Fluminense, e estão com as palavras entrelaçadas, porque é como se fosse tudo unificado, uma coisa só, assim como um periférico, um suburbano é definido como uma coisa só.

No segundo verso, “Deáreadogrande rionuncapassará”, deduz-se que uma pessoa moradora da Baixada, do Grande Rio, não pode ir mais longe, limitando-se àquele lugar. No terceiro e quarto versos, “Sabequesuburbandosempre será/ Esenãofizerporsininguémfará”, o eu lírico parece querer exprimir que uma pessoa, por ser suburbana, moradora de cidades menores, periféricas, por ter sua identidade transpassada por marcas de marginalidade, terá que lutar pelo que quer, pois, é

possível que ninguém a ajude. Sua área, seu lugar, seu território será sempre a Baixada. Há barreiras para que ela vá além. Isso é, proibem-se a ela os espaços centrais, os espaços tidos como mais importantes.

No quinto e sexto versos, o eu lírico está se referindo de modo direto à Baixada Fluminense e aos seus municípios como algo verossímil. Se pensarmos na definição de verossimilhança, observamos que diz aquilo que é admissível, plausível, que parece verdadeiro.

Do sétimo ao décimo-quarto versos podemos notar uma interligação. No sétimo, por exemplo, o eu lírico afirma: “E a vida, lagartando, feito o trem”. Assim, ele define como é a vida e a compara a um trem, que passa por estações assim como a nossa vida. Nos versos adiante, há uma descrição da luta para fugir desse estereótipo de suburbano, marginalizado. No décimo quarto verso “Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar”, remete à ideia de ser parte do lugar, ser parte da Baixada Fluminense.

2.3 A noite na Baixada

O **outro poema** que analisaremos será aqui denominado “A Noite na Baixada”. Por sua interpretação, veremos uma diferença em relação ao poema anterior, apesar de ambos tratarem do mesmo assunto: Identidade(s).

Este poema diferencia-se pelo fato de trazer um sentimento de nostalgia. Nele, Moduan Matus faz referência à época em que iniciou a publicação/divulgação de seus poemas.

Entrando pela noite na Baixada
Uma profusão de letras
Marcam a segunda década
Movimentando sarau

Inspirando madrugadas
Em desabrochados poemas pelas estradas.
E que tanto de ideias
Saem daqui para ali
Andam de cá para acolá

Feito buzzmarketing
A se propagar
Já são tantos poetas
O indicar em tantas setas
Que chegam a coincidir
E o insight existir
Para decidir aonde ir
Meio a tanto chegar.
(MATUS, 2019)

O poema é formado por duas estrofes. A primeira remete ao tempo da gização, como já se afirmou, movimento do qual Matus fez parte, na Baixada Fluminense. Ao analisarmos as duas estrofes, veremos que se trata do poeta no poema. Temos, portanto, uma metapoesia. Cabe, nesse momento, apontar para a importância da Gização (FRAZÃO, 2017, p. 15) na literatura brasileira, pois insere-se em um momento em que vários poetas buscaram formas alternativas para criar e divulgar seus trabalhos artísticos. Trata-se da literatura marginal da década de 1970, tema que desenvolvemos ao longo desse capítulo.

Ao analisarmos a primeira estrofe, o eu lírico descreve o que ele vê à noite pela Baixada Fluminense. O verso: “Uma profusão de letras” refere-se aos diversos poemas, ou seja, o eu lírico vê uma abundância de poemas.

Do terceiro ao sexto verso, a voz do poema sintetiza o que estava acontecendo naquela noite e o que aqueles versos estavam fazendo: “Movimentando saraus”. Para concluir a primeira estrofe (do sétimo ao nono verso), revela o que acontecia

nesses lugares: a criação de textos pelos poetas que compartilhavam entre si as suas ideias e os seus pensamentos.

Na segunda estrofe, do décimo ao décimo-quarto verso, ao utilizar o termo “buzzmarketing”, o eu lírico refere-se à divulgação desses poemas escritos pelos poetas que estavam presentes nos saraus. Ele toma emprestada a expressão *buzz marketing*, um conceito da área de publicidade e propaganda, que seria disseminar uma marca, produto, utilizando as pessoas como canal, criando um burburinho, zumbido, rumor.

Do décimo-quinto ao décimo-sétimo verso, o eu lírico busca entender para onde irão esses poemas em meio à chegada de tantos outros.

Moduan usa as palavras em inglês *buzzmarketing* e *insight* remetendo a uma linguagem da internet e fazendo um empréstimo linguístico. Essas palavras são tomadas da área de propaganda e ressignificadas no poema. A expressão *insight*, que pode ser traduzida como uma luz, iluminação, é bastante vista na área da propaganda representando uma ideia criativa ou repentina. Ou seja, o que se encaixaria melhor com a proposta do poema, é a tradução “estalo” para *insight*. É interessante a forma como o escritor usa palavras de outra língua, um estrangeirismo, para dar beleza ao poema.

2.4 A questão do lugar e da identidade

Um ser humano não possui apenas uma identidade. Em realidade, possuímos múltiplas identidades. Segundo Stuart Hall (2015, p. 12) “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.”. Assim, poderíamos afirmar que o sujeito possui, no mínimo, duas identidades: uma interna e outra externa. O que nós somos por fora e mostramos para o

mundo (externa(s)) e o que nós realmente somos por dentro e somente nós nos conhecemos (interna).

Não podemos falar sobre identidade sem refletirmos sobre a questão do lugar, lembrando que, segundo Bauman, nem o pertencimento, nem a identidade são sólidos ou definitivos. São negociáveis, como tudo o que ocorre em sociedade.

Contudo, pertencer a um lugar – embora não determine diretamente quem é o sujeito, como se afirmava na literatura determinista do realismo-naturalismo do século XIX – deixa marcas nas atitudes, na linguagem, enfim, influenciando os cidadãos.

Se um indivíduo mora numa comunidade – no sentido conferido, no Brasil, aos espaços sociais ocupados por pessoas de baixo poder aquisitivo –, pode ser visto de forma negativa. Esse sujeito, muitas vezes, acaba sendo marcado pelo estigma de pobre, sem estudo, sem cultura e bandido. Por outro lado, o sujeito que vive na zona sul do Rio de Janeiro, por exemplo, tem outro status: é visto como alguém bem-sucedido, educado e culto.

Partindo da questão da subalternidade, de acordo com o que foi prelecionado por Spivak em seu “livro-ensaio” *Pode o subalterno falar?*, cabe salientar que o termo “pobre” é, geralmente, utilizado para denominar as pessoas que vivem nas chamadas “comunidades”. É assim também a maneira como o escritor, historiador, Joel Rufino, trata, em sua obra *Épuras do Social: como pode o intelectual trabalhar para os pobres* (SANTOS, 2004), da questão dos pobres, fazendo uso, efetivamente da palavra “pobre”, para definir, sem eufemismos, sujeitos provenientes das classes C, D e E.

No que diz respeito à discriminação, direta ou indireta sofrida pelos pobres, e mais ainda, pelos negros, acrescenta-se que, se esse indivíduo, morador de uma favela (comunidade), estudar, ascender socialmente/financeiramente e for morar na zona sul, a sociedade passará a enxergá-lo de forma diferente,

ainda que ele possa não se sentir pertencente, de fato, àquele lugar. Na verdade, o olhar sobre o pobre, favelado, permanece marcado pelo estigma da inferioridade. Muitos egressos das comunidades podem perceber que, mesmo prosperando socialmente, tais marcas identitárias com as quais são rotulados não se extinguem.

A palavra “lugar” possui diferentes significados. Por exemplo: pode significar destino, cargo, localidade e ainda espaço. Aqui, gostaríamos de ratificar a afirmação de Yi-Fu Tuan sobre o tema (2013, p. 169): “Lugar é uma pausa no movimento”. Assim, um lugar, um espaço, ultrapassa a dimensão do físico, aplicando-se ao conceito de espacialidade que “(...) está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado (...)” (TUAN, 2013, p. 70).

De acordo com esta afirmação, quem tem espaço possui liberdade. Com isso, ser livre torna-se difícil para uma pessoa “marginalizada”, pois ela se sente prisioneira, no que diz respeito a uma concepção, condição social, escolaridade. Para sentir-se realmente livre, é preciso que o indivíduo encontre seu lugar e seu espaço, sem se deixar levar pelas pressões sociais.

Quem se vê em um lugar pequeno, muitas vezes, sente-se preso. Entretanto, a sensação de ter espaço pode confundir-se com o sentimento de liberdade. Ter um lugar traz-nos a sensação de acolhimento. Há ainda a impressão de que o sujeito encontrará refúgio nesse lugar porque estará junto a outras pessoas que ali estão.

Nesse sentido, o lugar tem um papel fundamental na sociedade. Por isso, é preciso falar, discutir a marginalidade, a questão do preconceito, da identidade, da diversidade, da liberdade e do lugar, para compreendermos quem nós somos e como somos vistos.

Moduan Matus, como já foi citado, trata dessa questão de ser marginal justamente por viver às margens. Ele conhece bem essa realidade, pois vive em Nova Iguaçu, uma cidade marginalizada.

A socióloga Érica Peçanha do Nascimento – que estuda o movimento dos escritores Marginais de Periferia (2009) – aponta para as diversas nuances do termo *marginal* na literatura brasileira. Há os poetas marginais da década de 1970, caracterizados por não se filiarem a grandes editoras e pertencerem à classe média. Já os escritores marginais de periferia, domiciliados no Capão Redondo, comunidade do Estado de São Paulo, por exemplo, não pertencem a tal classe. Também costumam-se tratar como marginais autores cujas obras retratam espaços periféricos, como é o caso de Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, e, para citar uma escritora importante, mais recente, Conceição Evaristo.

No caso de Moduan, acrescenta-se que a menção à marginalidade não se refere a uma fuga do espaço de nascimento do poeta, mas à sua maneira de assumir tal marginalidade como tema e estratégia ficcional e de vida. Além de ter pertencido à chamada literatura Marginal da década de 1970, Moduan mantém-se, até hoje, na resistência poética, realizando saraus em locais alternativos, sendo o mais importante deles o quintal de sua casa, em Nova Iguaçu.

As reflexões realizadas neste capítulo permitem-nos entender a questão da identidade e do lugar na obra de Moduan Matus e, ainda, tornam possível assimilarmos melhor o que é ser marginal e o que é a marginalidade.

Estudar as marginalidades faz-nos compreender situações que fazem parte de nossa sociedade e, as quais, muitas vezes ignoramos. Um escritor com uma vasta produção, como Matus, que vive nas margens e, a partir desse lugar, escreve sua poesia, é fundamental, para pensar sobre o nosso cotidiano e sobre a produção literária que está distante dos centros.

Ter o entendimento de quem nós somos e a consciência do lugar, leva-nos a compreender a grande importância da poesia em nossas vidas e o quanto ela é necessária para a nossa evolução como seres humanos.

Moduan Matus é um escritor do mundo, sua obra ultrapassa os muros identitários, mas, sem dúvida, permite que se ampliem as reflexões sobre a Baixada Fluminense como um lugar, um lar, como diria Yi-Fu Tuan.

A Baixada não é um mero espaço de passagem, um “não lugar”, remetendo ao termo cunhado por Marc-Augé (2012), mas é um lugar de afetos no qual artistas, como Matus, lançam um olhar sensível às marginalidades.

3. Dos estigmas à autoestima: Moduan Matus e sua gização

No debate acerca das novas territorialidades, em sentido amplo, têm-se discutido aspectos que vão da problemática das identidades às conceituações contemporâneas de lugar, em disciplinas como a história, a geografia e a literatura, entre outras. De Stuart Hall a Zygmunt Bauman, as identidades e os pertencimentos recebem atenção especial. No que diz respeito às territorialidades literárias contemporâneas, novas perspectivas abrem-se em direção a dimensões que envolvem a noção de pertencimento. A relação entre os fazeres poéticos e o *locus* em que os mesmos atuam tem assumido características peculiares.

Neste terceiro capítulo, intenta-se refletir sobre a vigência do literário em meio a um espaço supostamente inóspito para a gestação poética, mais propriamente identificado pela vocação de tornar-se depósito do lixo das cidades: a região da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Propõe-se, portanto, partir do estigma da Baixada, ligado à violência e ao lixo, para pôr em destaque a produção de Moduan Matus

3.1 As margens em versos de giz

Moduan, como já visto nos capítulos anteriores, é um poeta radicado na Baixada Fluminense, que iniciou sua carreira no mesmo momento em que surgia e se desenvolvia a chamada poesia marginal da década de 1970, no Brasil.

Embora pertença à chamada geração mimeógrafo, por conviver com os autores da geração mimeógrafo e criar seus textos sob a pressão da Ditadura Civil-Militar, Moduan Matus criou suas próprias estratégias de produção e divulgação de seu trabalho: a gização. Este *modus operandi*, como já se afirmou, consistia na escrita dos poemas, utilizando giz, em portas fechadas de lojas de municípios da Baixada Fluminense e arredores. A relação de Matus com a Baixada avulta-se em vários poemas, revelando aspectos de seu lugar.

Partindo do que já foi exposto anteriormente sobre lugar, aponta-se para os estudos do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Entende-se que o lugar é um espaço que possui uma ligação afetiva, psicológica, com o indivíduo. Vai, portanto além do sentido tradicional do termo. O *locus* ao qual o sujeito se relaciona de maneira íntima, pessoal, é um fator importante, principalmente quando se expressa pelas vias da arte.

Nas discussões sobre instâncias identitárias no mundo contemporâneo, podem-se encontrar inúmeros estudos sobre as noções de lugar e de território. Território é um termo que, geralmente, está relacionado a questões inerentes a limites ou divisões políticas e/ou geográficas. Tem-se dado atenção, nos estudos acadêmicos, às identidades e às diversidades, especialmente na literatura, mas também nas demais áreas de ciências humanas, tais como história, geografia, educação, entre outras.

Nas temáticas que serão aqui discutidas, os estudos de Tuan, como já afirmado no começo deste livro, serão fundamentais, principalmente no que diz respeito à problemática do lugar geográfico-poético da Baixada Fluminense. Reflete-se, simultaneamente acerca do lugar que a região ocupa em relação à capital do Estado do Rio de Janeiro, seja em relações humanitárias, seja sobre o lugar da literatura e, por extensão, da cultura em uma região conhecida sob os influxos de marcas diversas, principalmente o da violência e do desrespeito aos direitos humanos.

Segundo, ainda, Tuan, deve-se entender como lugar um espaço específico, íntimo de um ser humano. Nos importantes e respeitados estudos desse geógrafo, entre os seus pares humanistas, tem-se a importância dada à experiência. Em sua obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, observa-se a importância dada aos sentidos, no diálogo permanente entre seres humanos e o meio ambiente. Deduz-se, então, que é fundamental para uma existência humana harmônica a relação efetiva e afetiva dos habitantes com o seu lugar.

3.2 Moduan Matus: marginal da poesia marginal

A **lírica de Moduan Matus** é marcada por temas múltiplos, com versos ecléticos e, cada vez mais fragmentados. Costuma focalizar, como faria um arguto cineasta, a desumanização cotidiana que marca seu lugar de origem e de inspiração.

Matus pode ser inserido, também, no rol dos poetas pós-modernistas, caso entendamos que é exatamente a fragmentação, o ecletismo e a desumanização que mais caracterizam a arte contemporânea.

Virando e revirando “poemas-relâmpagos” – como prefiro denominar os “poemas-flash”, que, cada vez mais são veiculados pelas mídias sociais, sem métrica definida, ou mesmo semelhança a algo que se aproxime dos haicais – Matus não se perde no tempo, nem se fixa em uma só forma ou temática, embora o lastro de sua história poética remeta-nos aos anos de Chumbo, da Ditadura Civil-Militar, no Brasil.

Atualmente, o poeta percorre inúmeros temas tendo o concretismo como uma de suas maiores inclinações líricas, que marca sua trajetória poética. Ele costuma utilizar, reiteradas vezes, questões referentes à sua vivência, portanto, sua experiência como cidadão baixadense.

Cito, aqui, algumas das obras de Moduan, dando ênfase ao início da carreira poética: 1980: “Poemas Concretos” (com Dejair Esteves); 1982: “Poesia Baixadense”; 1983: “Chama amar te amar” Poesia mulher. Com a apresentação de Heloisa Buarque de Holanda; 2004: “Acepções do amor”; 2008: “Aforismos afloram”.

É fácil conhecer o trabalho poético de Moduan. Seu Blog é bastante amigável. Além disso, o poeta ainda possui exemplares e costuma vendê-los nos eventos de que participa. É só convidá-lo ou entrar em contato via Blog, exatamente de onde extraímos os poemas para os quais oferecemos nossa leitura. É preciso deixar registrado, aqui, que o autor deste livro comprou e recebeu de presente vários exemplares históricos das obras das mãos do próprio Moduan. No entanto, por meios indiretos, como livrarias, não é fácil conseguir encontrar as obras do poeta. Torcemos para que isso mude.

A eclética trajetória literária de Matus teve início com a criação de versos nos moldes da poesia marginal, conhecida como marca de uma geração, que tem como autores mais destacados Ana Cristina César (Ana C.); Ricardo de Carvalho (Chacal); Antônio Carlos de Brito (Cacaso); entre alguns outros. Matus, embora milite em seu espaço de origem e de escolha, ainda mantém contato com autores de sua geração.

Como era costume em sua época, Moduan também produziu obras contrárias à ditadura que vigorou durante mais de vinte anos, de março 1964 a fevereiro de 1985. Em 10 de julho de 1979, o iguaçuano lançou sua primeira obra poética na revista Equipe, número 13. Ele costuma afirmar que se tornou mais conhecido no “metiér” poético a partir de 1978, quando passou a pôr em prática a sua gização.

Como relatado ao longo deste livro, a chamada gização chegou a tornar-se um movimento denominado “Caco de Vidro”, na década de 1990. “Daí desembocando em outros movimentos poéticos-culturais”. (MATUS, 2016)

A gização, criada por Moduan Matus, já se especulou, há pouco, que é uma singela precursora dos atuais grafites na Baixada Fluminense e que as performances poéticas dele e de seus companheiros, em praças, bares e quintais são precursoras dos saraus periféricos do século XXI. Também, de certa maneira, antecipam atividades e atitudes poéticas dos chamados escritores marginais de periferia, integrantes da COOPERIFA (NASCIMENTO, 2009).

Moduan Matus não se encaixa perfeitamente nos moldes do grupo dos poetas da chamada Geração Marginal. Estes pertenciam à classe média e desenvolviam suas performances poéticas nas praias e espaços da Zona Sul carioca. O poeta afirmou, no “Terceiro Encontro Poético da Baixada Fluminense” que, embora fizesse parte do movimento marginal da década de 1970, tinha diferenças marcantes em relação a eles. O Encontro, ocorrido na Sala de Exposições do Instituto Histórico de Duque de Caxias, teve como clímax a palestra do poeta que foi homenageado, pela primeira vez, pelo Grupo “Margens da Literatura – Literatura das Margens/CNPq”, no dia 18 de outubro de 2017.

A “diferença de marginalidade”, no caso de Moduan, dá-se, principalmente pelo fato de que as suas poesias estão repletas da vivência do lugar, da forte ligação afetiva, que faz do “locus” alimento poético (e temático), mesmo quando a forma inclina-se para o concretismo, para o lirismo da música, ou para a síntese que culmina em variantes dos haicais.

A poesia de Moduan, da década de 1970 com a gização, acima de tudo, dialoga com a dos seus colegas e sofre influência desses, mas também pode-se afirmar que o baixadense era um integrante marginal da poesia marginal (FRAZÃO FÉLIX, 2018). Daí a importância de se rever e/ou estudar novas inscrições, em diversas estéticas ou movimentos – de autores que ficaram, por vários motivos, à margem do cânone, como esse poeta e agitador cultural da Baixada. Tal revisão é sempre

necessária, oxigena a literatura, dota-a de novas nuances. Assim tem ocorrido com Lima Barreto, João do Rio, Solano Trindade e tantos outros.

A lírica de Moduan articula importantes reflexões ligadas às identidades literárias contemporâneas, passando pela discussão de aspectos cotidianos, problemas sociais e mesmo históricos que deságuam em reuniões, palestras, saraus, shows, em diversos locais da baixada. A atuação do poeta, na cultura da Baixada fluminense, tem como eixo seu trabalho sobre questões que forjaram o cotidiano dos municípios baixadenses.

3.3 Estigmas e estima: a Baixada na literatura de Moduan Matus

A **poesia de Matus** é marcada por uma forte afetividade em relação a esse espaço estigmatizado, talvez por pertencer a uma região que costuma ser lembrada pela violência, pelo medo. Para dar um exemplo de algo representativo de tal estigma, está a presença, durante décadas, da influência do político Tenório Cavalcante, que se tornou mais conhecido a partir da exibição da obra cinematográfica *O Homem da capa preta*, do cineasta Sérgio Resende, em 1986. Destaca-se, na lembrança desse personagem polêmico da política brasileira, o fato de ser um dos migrantes que, vindos de situações de penúria, no Nordeste, fizeram da Baixada Fluminense sua Canaã (FRAZÃO FÉLIX, 2018, p. 16).

Inúmeros nordestinos – como o cearense Francisco Barboza Leite e o pernambucano Francisco Solano Trindade – fizeram da Baixada Fluminense o seu lugar. Segundo sustenta o historiador José Silva, ocorre, com os grupos que fugiram da seca e da fome no nordeste brasileiro, uma espécie de “diáspora interna” (SILVA, 2012). Tal êxodo foi provocado pelo fato

de que seu lugar de origem tornou-se inóspito. Como em uma guerra travada com inimigo inigualavelmente superior, grupos imensos de nordestinos foram expulsos de sua terra, como é retratado, por exemplo, em *O Quinze* de Raquel de Queirós.

A Baixada Fluminense torna-se, assim, portanto, o lugar dos nordestinos. Embora Moduan não seja nordestino (diferente de Trindade e Barbosa Leite), respira a cultura trazida pelos migrantes. Nos versos do autor, percebe-se a presença de reflexões agudas sobre as cidades da Baixada e a população que as compõe. Ele é um poeta crítico, entretanto, sob seu crivo reflexivo constata-se a presença de um grande teor de afetividade. Suas críticas advêm de um profundo conhecimento pessoal dos pontos positivos e negativos, em termos gerais, do seu lugar.

O que há de bom ou ruim na Baixada Fluminense, em especial em Nova Iguaçu, é apresentado na poesia matusiana. Diferente do que indicam os estigmas atrelados às cidades baixadenses, ele desconstrói o olhar viciado que as elites têm das periferias, embora não deixe de desvelar as mazelas sociais. A identidade poética do artista envolve-se nas cores de sua região, sem esquecer suas conhecidas máculas e problemas, mas com um olhar simultaneamente de superação de afetividade.

Quanto à Baixada Fluminense, quando se discute a questão das identidades, de imediato, surge como uma das temáticas mais recorrentes, a marginalidade. Ao tratar da lírica de Moduan Matus, entretanto, não se deve associar o uso do termo marginal a problemas socioeconômicos, como ocorre com outros poetas e escritores que se autodenominam escritores marginais de periferia, como Ferrez, do Capão Redondo, em São Paulo, e seus companheiros Sacolinha e Sérgio Vaz, entre outros (NASCIMENTO, 2009).

A poesia de Moduan dialoga, criticamente, com a problemática da marginalidade, aponta os problemas, e envolve

suas obras nas instâncias da exclusão a que está exposta sua região, o seu lugar de escrita e de fala. Como se pode perceber, o autor traz para o interior de sua produção a crítica, o tensionamento do ponto de vista, sob o olhar das elites dominantes, referente aos ditos locais e habitantes periféricos.

Também não se reflete, aqui, sobre uma “poética marginal”, no que se refere à sua militância. Moduan Matus e outros artistas, que buscavam seus espaços nas ruas, escolas, praças, continuam, mas agora, utilizam também a internet. Como se disse há pouco, o Blog de Moduan Matus, de onde foram extraídas muitas das poesias aqui interpretadas, permite que se conheça melhor o trabalho poético do autor, tornando seus versos acessíveis àqueles que transitam pela grande rede.

Ao se refletir sobre as novas territorialidades, em termos sócio-políticos, abre-se também espaço para os estudos das ciências humanas, novos e ricos caminhos especulativos, no que diz respeito aos campos de atuação das disciplinas, da cultura e das linguagens artísticas. A poesia multifacetada de Moduan aponta para a relação entre o lugar, no sentido dado por Tuan, e o meio ambiente.

Em *Vidas desperdiçadas*, livro já mencionado anteriormente, Zygmunt Bauman aponta que o grande dilema da contemporaneidade encontra-se na dificuldade de lidar com o lixo. O autor polonês entende que pior ainda é lidar com o ser humano como lixo, como refugio social. Pode-se afirmar, partindo desse caminho reflexivo aberto por Bauman, que alguns poemas do baixadense Matus remetem-nos a tais preocupações:

Inúmeros dejetos
Ainda em Gramacho
Cobrem o corpo do desaparecido.
A sua última viagem
Velada pelos urubus (...)

Percebe-se, nesse fragmento, a descrição de uma imagem tenebrosa. Como já foi dito em outra oportunidade:

O local (d)enunciado já é bastante conhecido dos brasileiros, transformado em folhetins pela mídia: Gramacho. O lixo é o destaque, o corpo devorado pelo descaso, nem tanto. O corpo humano dilacerado pelos urubus e os dejetos dialogam no silêncio da ausência do poder público, na sujeira do desleixo, tipo de dejetos com os quais a população acostumou-se a aceitar. Em meio ao alto ou auto-lixo, as vidas desperdiçadas como zumbis, caminham em seu cotidiano líquido, perpetrado pela sordidez líquida dos tempos dos ratos pós-impeachment, quase no final da segunda década do terceiro milênio. E a Baixada, berço do poeta, vive imersa nos estigmas que a tornam conhecida em todo território brasileiro como lugar inóspito, de violência e morte. (FRAZÃO FÉLIX, 2018, p. 20)

Refletir sobre o lugar, perceber a importância dele para a própria existência pessoal não significa esquecer os estigmas. Ao contrário, conhecê-los é fundamental para superá-los, como se vê no poema-denúncia a seguir.

Ruelas, porcas e parafusos caídos
Na beirada das calçadas
Montam o cenário
E falam apontado o dismantelo na estrada.
Fios soltos desencadeiam falsas conexões
Falsas empreitadas
O gato salta alto
Para esconder o rombo no asfalto.
Insistentes pisca-alertas indicam um novo local
Do desmonte clandestino
E das carcaças abandonadas.

Carrocerias rangem por aí em durepoxi lanternadas
E ainda, um subúrbio de guaribadas
E de tantos desleixos
Agonizam a baixada.

Roubos de energia, animais escas formas de vida e de sobrevivência, apontam para “o gato”, marcante das periferias, mas quem range são as carrocerias, em aparente luxo, cobertas por camadas de “durepoxi” que escondem o real estado dos veículos e das cidades: “um subúrbio de guaribadas”. Não há efetiva intenção por parte do poder público de criar projetos de mudança. O que há, quando há, são guaribadas. As marcas da violência aumentam com o desleixo. Locais de desmanches e de remontes clandestinos de automóveis também entram na constituição do retrato da baixada.

Em um outro poema de Moduan, o eu lírico traz reflexões sobre a importância da participação dos moradores da região e aponta para a necessidade da união em torno de uma causa coletiva, utilizando como artifício poético a junção das palavras, formando versos unidos e cujo sentido só se percebe com um pouco mais de atenção e paciência, com o desejo de ler efetivamente a mensagem. Em “Um estado social periférico estereotipado”, visto no capítulo II, vemos palavras como “Deáreadograndeionuncapassará”, “Sabequesuburbanosempre será” e “Esenãofizerporsininguémfará” que, na verdade, são frases inteiras, condensadas em neologismos.

No poema supracitado, o lugar, que surge na última palavra, fechando o poema, serve como chave que abre e dá sentido às amálgamas que iniciam o texto. “Sabe que suburbano sempre será/ E se não fizer por si ninguém fará (...)”. Na repetição dos “mantras” capitalistas da mídia e na ânsia de não parecer ser suburbano, o baixadense pode deixar de enxergar o que há de importante no lugar e voltar-se sempre para fora,

para os grandes centros. Assim, o comando de suas vidas continuará nas mãos de quem o estigmatiza.

A chave da possível mudança está centrada, portanto, na máxima criada no texto: “Buscas: de alto estimas, de abaixo-estigmas”. No jogo vocabular estima X estigma, o poema aponta para a sutileza (marcada pela presença da consoante g). O estigma destrói a estima. O estigma da violência, do desleixo das autoridades, marca o suburbano intimamente, negativamente.

O morador da Baixada pode considerar-se inferior, caso não perceba o que alerta o eu poemático “(...) se não fizer por si ninguém fará”. Mas a questão da baixa autoestima está exatamente em engolir o estigma como remédio, quando, em realidade é veneno. No termo “abaixo”, há outra delicada colocação textual estratégica. Não se trata de “baixaestima”, como se poderia ler e interpretar, mas abaixo-estigma. Ou seja, o termo abaixo traz um manifesto que pode também apontar para algo que está abaixo de, portanto, inferior. “Abaixo”, “fora” estigmas: é isso que grita o poema.

Há uma orientação fundamental a um “reconhecimento aguerrido” e “Ao direito de ir, vir e ver:/ Sol brilhar, gente crescer/ Igualdade pertencer, ser cúmplice do lugar”. O eixo da clave está na cumplicidade, no entendimento da importância do pertencimento. Seguindo as reflexões humanísticas de Tuan, pode-se afirmar que o espaço só se torna lugar, se houver um sentimento efetivo, afetivo, íntimo de pertença. Desta forma, aponta o eu lírico, não adianta esperar para que alguém resolva os problemas da Baixada. Da baixa autoestima, pela via do grito e da ação, abaixo estigmas. Assim pode-se chegar à superação, por conseguinte, à alta autoestima.

As noções de lugar e não lugar apontam para estudos de autores como Marc-Augé, Milton Santos e YiFu Tuan, para citar alguns. No poema, revela-se o olhar estigmatizado sobre a relação entre os municípios de Duque de Caxias e Rio de

Janeiro, espaço-dormitório (não-lugar). O baixadense, em vez de sujeito, torna-se objeto, coisa, sem identidade própria, é a mão-de-obra que, entre um turno e outro, descansa próximo ao lugar de trabalho. A Baixada é o “quarto de empregada” da região metropolitana do Rio de Janeiro. Muitos baixadenses, aponta o eu poemático matusiano, não conseguem ou não querem perceber a importância de refletir sobre sua identidade e abrir os olhos para a importância do seu lugar. (Ver: FRAZÃO FÉLIX, 2018)

Seguindo na esteira de como a baixa autoestima pode ser vencida, o eu lírico, de outro poema do Moduan, aponta para a intimidade com seu lugar, abrindo um campo semântico fundado exatamente na ideia de lar, de quintal:

O galo que desperta a manhã
Refeito do novo dia
Descreve em passos reais um limite ao vôo
Ainda que eterno o bater de asas.
Há quintais a desbravar
Até que o sonho se realize e
Venha o novo cantar.
Não há na terra lugar para o universo e
Nada que reprima essa forma de estar.
O galo que canta lá
Não é o mesmo que canta cá
Mas a corrente só aumenta concentra
Enquanto o sonho durar.

Reconhecendo a diferença entre os lugares, remetendo ao conhecido poema de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”, “o galo que canta lá/ não é o mesmo que canta cá”, o eu poemático, explicita que há imposições de limites aos “voos”. O eu lírico também dialoga com poema de João Cabral de Melo Neto, “Tecendo a manhã”, no qual se diz: “um galo sozinho não tece uma manhã” (NETO, 2008, p. 19).

O olhar matusiano aponta para a necessidade da união de forças. Trata-se de um alerta não apenas relativo à Baixada Fluminense, mas à tendência individualista do chamado mundo pós-moderno. A “corrente” aumenta, enquanto houver luta para conquistar os sonhos, “os quintais a desbravar”. Profetiza o eu poemático projetando que virá um novo cantar. Mas a saída não está em uma entidade espiritual e, sim, na luta do próprio baixadense, entendido enquanto entidade social, maior, capaz, superar os limites ao voo, do “De reconhecimento aguerrido/Ao direito de ir, vir e ver”.

4. Moduan Matus e o sarau como estratégia de resistência poética

Em um momento em que a aceleração marca as atitudes cotidianas, os saraus revitalizam-se, ampliando seu campo de atuação em lugares pouco esperáveis ou prováveis. Tais lugares ocupam espaços culturais, mas, fundamentalmente, afetivos. Apropriados por atores sociais de diversas classes, esses eventos, marcados pela apresentação oral de obras artísticas, hoje são utilizados por vários grupos para resistência e fortalecimento de identidades locais.

Abriram-se diversificados territórios poéticos, exatamente a partir da utilização dos saraus como forma criativa independente. Podemos observar, por exemplo, o *Slam* (batalha de poesia falada feita, em geral, por jovens periféricos) e o *Rap* como mostras das tantas expressões artísticas advindas desses saraus. Daí a denominação marginal, que alguns grupos utilizam para se autodenominar, tendo como exemplo mais conhecido, COOPERIFA (Cooperativa de autores da periferia). A marginalidade aponta para formas de exclusão. Poetas de locais como o Chapadão ou a Baixada Fluminense buscaram a divulgação de suas obras através dessas apresentações artísticas, mas muitos terminam por ceder ao mercado editorial.

Autores como Moduan, embora também se vinculem, em alguns momentos de suas carreiras, a editoras, têm uma inclinação marginal, por permanecerem seguindo caminhos alternativos, não canônicos, ou pouco canônicos (o que inclui a internet e a publicação de poesias através de blogs e sites pessoais).

Mesmo não utilizando a gização, como fizera, nas décadas de 1970 e 1980, o poeta baixadense amplia suas participações em espaços alternativos, o que não significa que tais espaços sejam pouco frequentados. Ao contrário, há uma tradição poética na Baixada Fluminense que é pouco conhecida do grande público. Professores e pesquisadores, como o próprio Moduan, têm lutado pela preservação e pela divulgação dessa cultura local.

Ao longo do desenvolvimento deste último capítulo, refletiremos sobre a importância dos saraus para a cultura brasileira, sua permanência contemporânea e sua utilização por gestores e agitadores culturais como Moduan Matus. Além disso, intentaremos trazer para a discussão questões inerentes a aspectos culturais que, de várias maneiras, desafiam o cânone literário e/ou cultural.

Tendo-se como eixo aspectos que vão da gização de Moduan, aos saraus dos quintais da Baixada Fluminense, como também ocorre na comunidade do Capão Redondo, põem-se em destaque a utilização de caminhos alternativos e não menos eficazes de desenvolvimento de trabalhos e eventos culturais que dinamizam a cena artístico-cultural brasileira, e, no caso dos estudos realizados aqui, os saraus implementados pelo poeta baixadense em seu lugar poético.

4.1 Nos salões e nos quintais da história: poetas e saraus

Como apontado ao longo deste livro, reflexões a partir das várias nuances do termo marginal na contemporaneidade têm aberto um vasto caminho (interdisciplinar) de discussões sobre o surgimento e/ou ampliação de novos territórios poético-culturais, no campo da literatura e da cultura como um todo. A marginalidade, como se vem discutindo até aqui,

também se relaciona às figurações de obras e eventos que, de alguma maneira desviam-se da tradição canônica.

Entendendo *poiesis* como a capacidade criativa inerente a qualquer linguagem artística (cultural por excelência) – mais que como mera instância do poético – esse quarto capítulo intenta trazer para a discussão o retorno recente de atividades e eventos que, há décadas (ou, como veremos, à frente, séculos), já figuravam nos espaços de vivência, criação ou recepção de artes: os saraus.

Presente no cotidiano dos amantes da arte contemporânea, em várias de suas possibilidades de manifestação e classes sociais, os saraus, em princípio, para as novas gerações, podem parecer genuinamente pós-modernos, com performances, dramatizações criativas, com o apoio ou não da música, apontando, aqui para o exemplo do *Rap (Rithm and poetry)*. Todavia em muitos momentos da cultura ocidental, independentemente de suas denominações e guardadas as diferenças temporais e estéticas, os saraus atraíram a atenção e tornaram-se ponto de encontro e prazer de diversas gerações.

Para dar um exemplo histórico da presença do sarau na cultura brasileira, pode-se remeter ao período neoclássico da arte ocidental, à participação do poeta Domingos Caldas Barbosa, nos salões brasileiros e portugueses. A importância de Barbosa na literatura até bem pouco tempo não era destacada. Seu trabalho dava grande ênfase à música e ao que hoje denominamos cultura popular. Ele era compositor, cantor, além de poeta.

Quando se trata de discutir questões sobre o neoclasicismo, sobre o arcadismo brasileiro, sempre são lembrados poetas como Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto. Dificilmente toca-se no nome de Domingos Caldas Barbosa. Preconceito por ser mulato, ou por cantar modinhas? Era nos saraus que esse multiartista, bem aos nossos moldes contemporâneos,

brilhava. Infelizmente, só ficaram para a posteridade poucos relatos sobre suas performances.

Nos poucos comentários que passaram para a história sobre as citadas apresentações, figuram a rivalidade do poeta carioca com o conhecido árcade português Manuel Maria Barbosa du Bocage. O irreverente poeta lusitano ridicularizava as modinhas que deram fama ao “gorducho” “mulato”, filho de português com escrava angolana, padre, poeta e cantor árcade brasileiro. Caso tivesse sido possível, no século XVIII, período em que o neoclassicismo esteve em voga na literatura ocidental, gravar o som e a imagem das participações de Barbosa, talvez se pudessem ter antecipado os debates atuais sobre a saudável e importante relação entre a música, a literatura, a dança e outras linguagens artísticas.

A oralidade é uma das marcas dos genuínos saraus, já que a parte escrita é apropriada pelas performances e muito se perde, quando não se registra em imagem o evento ocorrido. Mesmo sendo um espetáculo, o sarau é mais que um encontro para recitações e performances.

Há inúmeras formas de saraus – que vão das mais simples, com a apresentação em cômodos de uma casa, de um apartamento; em um jardim, em uma rua – aos grandes eventos, da Zona sul do Rio de Janeiro, ou na periferia de São Paulo. É também comum a organização de saraus em escolas e universidades e muitos são organizados em livrarias para vender e divulgar livros.

Os tipos de saraus que mais se ampliam, na atualidade, são aqueles em que os participantes criam um clima de festa e confraternização. Esses têm a marca do encontro, da troca. Não se trata apenas de ouvir, ler, cantar ou falar. Trata-se de interagir, de trocar ideias e informações. Tem chamado bastante a atenção a utilização dos saraus como mecanismo de reflexão e enfrentamento de problemas socioculturais, políticos e, mesmo, econômicos. Nas últimas décadas do século

XX e primeiras do terceiro milênio, os saraus, que já existiam, ampliaram-se também nos espaços periféricos, tornando-se lugar de vivência poético-reflexiva.

Partindo do entendimento do termo “lugar” enquanto espaço identitário que marca determinado grupo, e seguindo o pensamento de Yi-fu Tuan, apresentado ao longo desta obra, é possível afirmar aqui que os chamados escritores marginais – ou de periferia – atualmente, apropriam-se de maneira criativa dos velhos e históricos saraus. O sarau tornou-se um lugar próprio para o desenvolvimento das atividades culturais de muitas comunidades, assumindo diversos desenhos e linguagens ditos não-canônicos, sendo assim apropriado, apossado pelos moradores da periferia.

O lugar, para Tuan (1983, p. 198), “é um mundo de significado organizado”. Só se cria familiaridade com o lugar ao longo do tempo, nem sempre determinado. Com seu retorno, os saraus, enquanto manifestações artístico-culturais, tornaram-se um lugar de vivência comunitária da cultura, através da oralidade, da literatura, de performances e atividades musicais e culturais.

4.2 Saraus de periferia

A socióloga e pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento (2009) aponta para o movimento da poesia marginal de periferia, tendo como principais expoentes os autores Ferrez, Sérgio Vaz e Sacolinha, que se intitulou COOPERIFA (Cooperativa Cultural de Periferia). Este movimento deu aos saraus uma nova roupagem, dotando-os de uma condição mais “bélica”, espaço de crítica e enfrentamento do *status quo*. Além da abertura para novas manifestações poéticas, artísticas, os saraus tornaram-se ambientes propícios para a reflexão identitária, para a organização social dos moradores da periferia.

Torna-se importante, aqui, a remissão às discussões abertas pelo escritor e pesquisador João César de Castro Rocha (2006), em *Dialética da marginalidade*. Referindo-se à maneira independente como o grupo poético aqui mencionado relaciona-se com os meios de criação e difusão cultural, segundo João César, a dialética da marginalidade surge no diálogo com as reflexões sobre a dialética da malandragem, relativas à identidade brasileira, conduzidas por Antônio Cândido ao longo de décadas.

Nas figurações da dialética da malandragem, entende-se que há uma relação entre o sujeito cultural (no caso o malandro) com instâncias diversas das classes sociais. O malandro é aquele que “se dá bem”, por saber “se virar”, “dar um jeitinho”, utilizando as artimanhas apreendidas e desenvolvidas no convívio com a própria sociedade. Ou seja: a malandragem consiste em sobreviver, e mesmo ascender socialmente, a partir da camaradagem conseguida no contato com diversos setores sociais.

A expressão “dialética da malandragem” surge nos estudos de Antônio Cândido sobre a obra *Memória de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, que tem como protagonista um anti-herói, cujas façanhas “pícaras”, ao invés de ridicularizá-lo, derrotá-lo, elevam seu “status”. Um bom exemplo disso têm-se quando, no romance de Almeida, Leonardo Pataca Filho é promovido exatamente quando é preso pela milícia (polícia) da época. Esse pícaro, de acordo com Antônio Cândido, seria o prenúncio do que, hoje, entende-se por “malandro brasileiro”. O sentido da palavra “malandro”, no entanto, afasta-se daquele de obras como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, no qual a malandragem relaciona-se ao crime, à infração de leis.

Polêmica, já em suas básicas significações, a palavra *malandro* pode ser observada em suas diversas acepções, que, nem sempre funcionam em termos negativos, como é o caso das figuras de artistas como Cartola, Carlos Cachça, Moreira

da Silva. Isso é ratificado na conhecida obra de Chico Buarque, *Homenagem ao Malandro*: "(...) o malandro pra valer, trabalha, mora lá longe, chacoalha, no trem da central".

Nas reflexões de João César, que foram expostas aqui, subjaz a ideia de que há um ponto dialogal entre a dialética da malandragem e a dialética da marginalidade, que está centrado nos aspectos identitários e culturais brasileiros. O ponto diferencial encontra-se, segundo o autor, na independência forjada pelos atores sociais periféricos (escritores marginais de periferia). Esses marginais, que se diferenciam fundamentalmente daqueles da década de 1970 por não pertencerem à classe média, por outro lado aproximam-se do movimento dessa década ao criarem e divulgarem independentemente suas obras.

Os marginais, nos moldes dos mencionados neste livro, enfrentam, com seus próprios recursos e inventivas, o chamado sistema literário (cultural), canônico por excelência. Utilizam espaços alternativos, como bares, campos de futebol, para desenvolver seus trabalhos, muitas vezes sem apoio econômico nem mesmo das próprias famílias, como acontece com a geração mimeógrafo, de 1970. Por isso, João César afirma que, enquanto na dialética da malandragem há, ainda, uma espécie de subserviência às classes dominantes, na dialética da marginalidade há um enfrentamento, que tem como estratégia uma espécie de "guerra de relatos".

O marginal de periferia não depende do apoio da classe média, nem tão pouco da academia para existir (e sobreviver). Mas é preciso observar, aqui, que nos últimos anos, como ocorreu também em décadas anteriores, com os (antes independentes) poetas marginais da década de 1970, suas obras têm sido publicadas por editoras importantes, pertencentes ao mercado editorial estabelecido e divulgadas pela mídia.

Podemos citar como exemplo Ferrez, que tem sido convidado para participar de eventos em vários países, assim como outros escritores marginais periféricos que conseguem

atrair os holofotes do grande público e chamar a atenção do mercado editorial. Autores como Ana Cristina César e Chacal, só para dar dois exemplos, também publicaram suas obras, décadas depois de suas estreias, em conhecidas editoras.

Os saraus, que eram marcantes na década de 1970 – com participações de poetas e escritores da classe média carioca, ampliaram seu âmbito de atuação, atingindo também as periferias. Os saraus não são propriedade apenas das periferias, ou da classe média; o próprio exemplo dado neste capítulo, tendo o poeta árcade Caldas Barbosa como principal personagem, ratifica isso. Inúmeros grupos, oriundos de diferentes classes sociais, têm nos saraus um dos seus eventos favoritos.

Neste capítulo, mais especificamente, tratamos dos saraus em um território que, embora distante da comunidade paulista do Capão Redondo, tem com ela certa relação identitária, pelo fato de as discussões que aqui ocorrem inserirem-se nas reflexões acerca das marginalidades e, fundamentalmente da obra de Moduan Matus.

Utilizou-se, aqui, ao longo do texto, a palavra *marginalidades* no plural, propositadamente, para dar ênfase à pluralidade que a mesma assumiu, na contemporaneidade e, principalmente, ao estigma que marca o espaço central das reflexões fundamentais em nossa visão da obra de Moduan. Não se afirma, por isso, não terem importância as outras temáticas poéticas do autor, mas aponta-se para a seiva de importantes momentos de seus poemas e de suas vivências poéticas.

A Baixada Fluminense, como temos comentado, é marcada como um dos locais mais perigosos e violentos do Brasil. Sua produção cultural é pouco percebida ou apreciada, ofuscada pelas suas mazelas. A migração nordestina para a região dotou o local de um novo desenho identitário, tendo o cordel, a feira e as tradições culturais do nordeste do Brasil passado para o cotidiano de grande parte do território metropolitano fluminense.

À reflexão sobre os novos territórios poéticos, ponto de partida do texto aqui apresentado, acrescenta-se a marcante questão identitária e o grande desconhecimento por parte do grande público das atividades culturais e das produções poéticas baixadenses. A lembrança dessa região é sempre marcada, como já se adiantou, pela problemática da violência, como se a isso se resumisse o cotidiano da localidade. Trata-se, em realidade, de um lugar rico de manifestações culturais, marcado pelas afinidades psicológicas, sociais e culturais.

4.3 Marginalidades, atividades e afetividades

Dos problemas sociais às festas, aos saraus: as poesias de Matus, além da inegável qualidade artística e da reflexão crítica sobre o seu lugar, articulam discussões bem atuais, inerentes às identidades literárias contemporâneas.

A presença e a atuação de Moduan Matus na Baixada Fluminense, tendo como vertente importante de seu trabalho poético questões do local e uma grande inclinação ao concretismo, apontam para uma forte afetividade por um espaço considerado periférico em relação à cidade do Rio de Janeiro. O olhar que o eu lírico, nas poesias do autor, lança sobre as cidades baixadenses é fundamentalmente crítico.

Entretanto, há a percepção de que tais críticas têm sentido construtivo. Elas partem de um vasto conhecimento, tanto das mazelas, quanto dos pontos positivos da Baixada, em especial, de Nova Iguaçu. Assim, o espaço baixadense, onde vive o poeta, torna-se o seu lugar. É desse (e nesse) espaço que sua voz poética irradia-se. A identidade do poeta assume as cores da realidade (e dos estímulos) de seu lugar.

O poeta é casado com a também poeta Sil Lis e é pai da Marília Matos. É muito comum encontrar o casal em eventos na Baixada, como ocorria nas últimas quintas-feiras do mês, à

noite, no Encontro de Poetas & Afins, no Cultural Bar, na rua Floresta Miranda, número 79, em Nova Iguaçu.

Pelas redes sociais, principalmente no Facebook, no período de quarentena motivada pela pandemia vivenciada em 2020, pode-se seguir a sequência de imagens postadas, diariamente, que vão da poesia às imagens da fauna e da flora dos quintais. Nos bares de Nova Iguaçu, é certa a frequência, da mesma forma que podemos encontrar Moduan apresentando-se em escolas e universidades.

Os convites para palestras e entrevistas também mostram como o poeta é reconhecido em seu lugar. Ele tem participado de eventos, como o já citado III Seminário Sobre as Margens da Literatura/CNPq: Vozes da Periferia, organizado por alunos e professores do grupo Margens da Literatura/CNPq, ocorrido no dia 6 de novembro de 2019, na Unigranrio, em Duque de Caxias. Um dos momentos marcantes de sua participação nesse evento do Programa de Pós-Graduação em Humanidades Culturas e Artes, da Unigranrio, foi o da gização, a pedidos.

A tarefa de Moduan, para satisfazer a curiosidade dos presentes e de alunos bolsistas de Iniciação Científica, estudiosos de sua obra, foi elaborar, ali mesmo, no Seminário, um poema, escrevendo-o a giz. E assim o fez Moduan. Criou um poema (ou um microconto, como diria a estudiosa Fabiana Bazílio Farias), em uma porta improvisada, lembrando os tempos da gização. A alegria dos orientandos de Iniciação Científica e do Coletivo Margens, foi enorme, pois estava ali, fresquinho, um histórico poema feito a giz pelo Moduan Matus. Eis o texto:

Nada
Impede a Baixada
Nem as lombadas

No momento em que Moduan escrevia, lembrando suas estratégias poéticas, do início de sua trajetória profissional, a interpretação da relação entre o poema, a lombada e a Baixada, poderia ser entendida a partir de uma analogia. A Baixada é comparada a um veículo que estaria passando por problemas para manter ou aumentar sua velocidade, devido a uma lombada qualquer (uma “pedra no caminho”, referindo-nos livremente a Drummond). Frear, parar, essa é a função das lombadas, nas vias. Por essa visão o que se depreendia do poema era a afirmação de que nada contém a Baixada.

Como esse livro e o Seminário têm como questão central as identidades e marginalidades, o poema pode nos levar mais adiante. O texto curto, mas pleno de sentidos, surgia, simultaneamente, como denúncia, crítica e afirmação identitária. Ou seja, ninguém, mesmo que queira, segura a Baixada. Entra, por essa perspectiva, a questão do poder.

No momento de refletir, aqui, sobre o poema, surge uma leitura com outros elementos interpretativos ratificadores. No dia 9 de agosto de 2019, o jornal *Extra* estampava uma manchete que dizia: “Três quebra-molas gigantes são instalados em Nova Iguaçu; após reclamações, prefeitura promete refazer obra”.

Após a pesquisa, a interpretação do poema pode receber mais uma leitura, ou reforçar a primeira. A prefeitura, autoritária, criou problemas sérios de trânsito, ao impor enormes lombadas para ruas de Nova Iguaçu, exatamente o lugar do poeta Moduan Matus. A suposição, mesmo à revelia do poeta, aponta para a multiplicidade de interpretações que um bom poema suscita.

Uma das curiosidades dos presentes no citado III Seminário Sobre as Margens, além da gização, relaciona-se com o depoimento do artista baixadense sobre o momento em que começou a interessar-se pela literatura. A resposta a essa pergunta, geralmente, tem uma pitada de humor, mas termina

por mostrar sua coerência e seriedade. Ele afirmou que tal interesse pela poesia surgiu a partir de um beijo na boca. Depois dos sorrisos, ele completa, afirmando que o segundo impulso que o levou a apaixonar-se pela poesia foi a leitura de um poema lírico. Esse interesse inicial dá-se no começo da década de 1970.

No citado Seminário, Moduan integrou a mesa com o professor e filósofo Renato Nogueira, da UFRRJ e a mediação foi feita por mim (Professor e Líder do Grupo de Pesquisa Margens da Literatura/CNPq). Entre as perguntas aos participantes da mesa, indagou-se o motivo da adoção do pseudônimo Moduan Matus. Ele responde que ocorreu depois da leitura de uma obra do escritor e antropólogo Carlos Castanheda (1925-1998), quando entrou em contato com o pensamento e as atividades do protagonista D. Juan Matus.

Essa intenção de autodenominar-se Moduan Matus foi reforçada quando o poeta iguaçuano perdeu seu filho, que faleceu com oito meses, em 1988. O menino se chamava Thomaz Moduan Vieira Matos. O personagem D. Juan, do Antropólogo e escritor peruano Carlos Castanheda, é uma espécie de “guru” (ou bruxo), líder de um grupo de xamãs, no México. Ele serviria como elo de sabedoria entre várias gerações e é personagem da série de obras de Castanheda sobre o nagualismo. Castanheda se encarregaria de não deixar perder-se a tradição passada por D. Juan Matus.

Moduan Matus impõe sua voz a partir da visão crítica e de sua atuação efetiva (e afetiva) na dinamização da arte na Baixada Fluminense. A poesia desse Baixadense, em termos de temática e de estratégias textuais, é bastante rica e, como se frisou, há um veio identitário percorrendo as inúmeras trilhas poéticas abertas por sua arte e por suas atividades artísticas no geral.

Desde o início da produção poética de Moduan, a criatividade está a serviço da ação, nos campos muitas vezes

minados, em vários sentidos, das periferias. Desde as figurações, no período complexo em liberdade de expressão e criação da poesia marginal, nos anos 1970, até agora, passando, como já foi mencionado, pela ênfase na poesia concretista, pelos haicais, o poeta baixadense participa e organiza eventos artísticos diversos.

Moduan e seus inúmeros companheiros artistas baixadenses costumam aproximar a poesia das artes plásticas, da música, da ecologia e da gastronomia. É comum ver, nas redes sociais, a exposição tanto de imagens de pássaros, de vídeos sobre poesia e música, de interpretações musicais, quanto de pratos variados criados por Moduan e Sil, ou por algum outro participante, especificamente para servir aos frequentadores dos saraus.

Da gização aos saraus, a imagin-ação e a criatividade são marcas de uma arte que é de Moduan, que é dos baixadenses. Bares, escolas, universidades, praças e quintais, continuam sendo seus espaços mais frequentados, sempre que possível, iluminando, tirando a beleza da cultura de seu lugar nas sombras.

Considerações para continuar

Ao refletir sobre os problemas que assolam o seu lugar de origem, a estigmatizada Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil, o poeta Moduan Matus também abre espaço para discussões fundamentais do mundo contemporâneo. A questão da violência e da penúria pelas quais passam inúmeras comunidades em todo o mundo não é “privilegio” da região onde nasce e floresce a escrita deste artista. Há Baixadas espalhadas por vastas extensões do mundo.

O profeta Gentileza, figura que marcou o cotidiano urbano do Rio de Janeiro, perto das últimas décadas do século XX, utilizava uma palavra que pode sintetizar a nascente das mazelas das comunidades periféricas: o capitalismo. Embora sob os influxos do lucro que faz girar o jogo do capital, há possibilidades para criarem-se formas de vida dignas. Assim, não apenas os ávidos trapaceiros do capital são responsáveis, mas também quem se satisfaz em reclamar (quando o faz) e não se une a outros que sofrem do mesmo mal, em busca da transformação dessa realidade não desejada. O capital só vira capeta, se quem o dirige ou o vive assim permitir. É preciso lembrar – para terminar esse *A poética identitária de Moduan Matus: a Gização e a Arte Baixadense* – a lição contida no poema de João Cabral de Melo Neto, evocada, como vimos, por Moduan Matus: “um galo sozinho não tece uma manhã”. E uma boa manhã é tecida com reflexões e ações.

A Baixada dos desmanches, do lixão, é também a Baixada dos quintais, dos saraus, dos poetas e amantes da arte baixadense, que cantam a união, que gritam como os galos de João Cabral, anunciando um dia em que as periferias serão

efetiva e afetivamente respeitadas, como merecem quaisquer grupos humanos do planeta. Para tecer essa nova manhã, é preciso acreditar no sonho, mas não basta sonhar sozinho. Como cantava Raul Seixas, em seu prelúdio: “sonho que se sonha só/ é só um sonho que se sonha só/ sonho que se sonha junto/ é realidade”.

Idemburgo Frazão
Paquetá, julho, 2020

Bibliografia

- ANOS 70: *TRAJETÓRIAS*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2005.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.
- BARBOSA, Caldas. *Viola de Lereno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidades*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BELOCH, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade. In: *Magia e Técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I*, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRITO, Antônio Carlos de. (Cacaso). *Lero-lero*. Rio de Janeiro: 7 Letras e São Paulo: Cosac & Naif, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão. *Dos estigmas à auto-estima: A Baixada Fluminense como lugar poético: Moduan Matus e sua Gização*. In: ALCÁNTARA, Manuel; MONTERO, Mercedes García; LÓPEZ, Francisco Sánchez (Coord). *Simposios innovadores: memoria del 56º congreso internacional de americanistas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018.
- _____. *O sarau como estratégia de resistência poética e reflexão sobre novos territórios culturais. pragMATIZES – Revista*

- Latino Americana de Estudos em Cultura. Ano 7, número 12, semestral, out/2016 a mar/ 2017.
- _____. *Território Inóspito? Reflexões sobre o lugar na (da) poesia de Moduan Matus*. In: FÉLIX, Idemburgo Pereira Frazão; RANGEL, Patrícia Luisa Nogueira. *Às Margens: Literatura, identidade e marginalidades em questão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- _____; DIAS, Carlos Eduardo de Almeida. *Marginalidades em destaque: a lírica baixadense contemporânea. Almanaque Multidisciplinar de pesquisa*. Ano 1, Volume 1, Número 2, 2014.
- _____; SANTOS, Jennyfer Oliveira dos. *A poesia dos anos 1970: uma iniciação à poética identitária de Moduan Matus*. SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA – SINCTEC, 2017.
- _____. *O lugar nas margens: uma introdução ao estudo da obra do poeta Baixadense Moduan Matus*. XV Congresso ABRALIC., 2017. Anais.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad. de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- _____. *Impressões de Viagem*, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.
- _____; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Poesia Jovem – anos 70*. São Paulo, Abril Educação, 1982
- LEITE, Barboza. *A verdadeira História de Duque de Caxias*, 1984. s.r.
- MARTIN, Vima Lia de Rossi. *Literatura e marginalidade*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2008.
- MATUS, Moduan. *Blog do autor*. <<http://moduanmatus.blogspot.com.br>>, Visualizado em: 20/11/2018
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- NETO, João Cabral de Melo. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 2008.
- ROCHA, João César de Castro. *A guerra de relatos no Brasil contemporâneo*. Ou: “a dialética da marginalidade”. *Letras*.

Universidade Federal de Santa Maria, n.32, p.23-70, Jun 2006.
Ética e Cordialidade.

- RODRIGUES, R. *Vidas obscuras*. Rio de Janeiro: Ed. KROART, 2005.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras Social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global: 2004.
- SILVA, José Severino da. *Diáspora Nordestina na Baixada Fluminense: A literatura de Cordel como marca identitária*. Dissertação de Mestrado. UNIGRANRIO, Duque de Caxias, 2012. Mimeo. 116 páginas.
- SPIVAK, Gayatri Chacravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, UFMG, 2014. TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina, Eduel, 2013.
- TORRES, Gênesis. (Org.) *Baixada Fluminense. A construção de uma História. Sociedade, economia e Política*. Duque de Caxias: Ed. IPAHB, 2004.
- _____. *Em Busca da Memória*. Rio de Janeiro: WAK., 2003.
- TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

Faça o download gratuito de todos os nossos títulos em
www.editorapontocom.com.br

O livro reflete sobre o trabalho poético do nova-iguauano Edgard Vieira Matos, conhecido como *Moduan Matus*. Entre os principais eixos da criação poética do artista, está a relevância dada à problemática das identidades, relacionada com a questão das marginalidades na literatura brasileira. Nos estudos aqui inseridos, colecionados em artigos publicados ao longo de praticamente uma década, será possível compreender aspectos importantes da poética de Moduan. O livro concentra sua atenção no seu estilo poético, em suas estratégias textuais, artísticas e culturais. O poeta, sua poesia e seu lugar, portanto, são as bases fundamentais de *A poética identitária de Moduan Matus: a Gização e a Arte Baixadense*.